

Partiram... para onde o dever os chamou!

PARTIRAM... PARA ONDE O DEVER OS CHAMOU!

Os horrores da «Grande Guerra» tiveram fortes repercussões em Guimarães, persistindo no presente alguns testemunhos do envolvimento dos vimaranenses no conflito europeu que eclodiu a 28 de Julho de 1914.

É no cemitério da Atouguia que se encontra o mausoléu que presta o tributo aos combatentes vimaranenses que pereceram nos campos do Norte de França e da Flandres, embora a toponímia citadina também conserve até ao presente a memória do reconhecimento público daqueles que partiram para onde o dever os chamou. A Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e a Rua Capitão Alfredo Guimarães são exemplos desse legado que perdura, volvido já um século do início do confronto bélico que mudou o mapa geopolítico da Europa.

Embora Portugal tenha entrado oficialmente no conflito a 9 de Março de 1916 com o Corpo Expedicionário Português, desde o início da conflagração, Guimarães acompanhou intensamente os acontecimentos relacionados com os movimentos das forças beligerantes, assim como a situação social, económica e política do País. Em diferentes ocasiões, a marcha dos militares que retiravam do quartel do Regimento de Infantaria 20—atual Paço dos Duques de Bragança—em direção no início de 1915 a terras de Angola, em África, e depois, em 1916, rumo a Tancos onde se deviam preparar para combaterem em França, mobilizou a atenção da comunidade que em manifestações coletivas impressionantes se despediram daqueles que partiam para defender a honra da Mãe Pátria.

Pelas ruas da Cidade ou na gare da estação, a multidão concentrava-se para ver passar os homens devidamente equipados, seguindo para onde o dever os chamava contendo as lágrimas, sem ficar indiferentes ao choro convulsivo dos familiares que os viam partir.

O envolvimento do País na «Grande Guerra» agravou as condições de vida da maioria da população. A escassez de bens de consumo, a «falta de pão» e a existência de açambarcadores obrigaram as autoridades municipais a tomarem providências para adquirirem cereais, saciarem a fome e controlarem a agitação social. Foram anos dolorosos, de permanente sobressalto, em que o imaginário coletivo da gloriosa «colmeia» industrial do Minho sofreu diariamente com os relatos da desgraça de quem combatia nas trincheiras, da violência do fogo que destruiu grandes cidades e das mães que quase endoideceram por perder os seus filhos numa guerra que mal entendiam.

Este artigo resulta de uma pesquisa feita, nas edições semanais publicadas, entre 1914 e 1919, no arquivo do jornal *O Commercio de Guimarães*, fundado em 1884. O periódico, após a implantação da República, dirigido por António Joaquim d' Azevedo Machado, assumiu orientação monárquica, tendo acompanhado constantemente os ecos internacionais, nacionais e locais decorrentes da Grande Guerra. Selecionaram-se alguns desses artigos, indicando-se a data de publicação e respectivo número, apresentando-os aos leitores de forma cronológica, sem quaisquer observações adicionais. A recolha tem o intuito de contribuir para a compreensão da forma como a população de Guimarães sentiu o início, o desenrolar e o fim da «Grande Guerra», através da perspectiva de um jornal que procurava informar sobre o que acontecia na comunidade, sem descuidar as informações divulgadas por outros jornais, citando-as com o objectivo de elucidar os leitores, num tempo em que a maioria dos vimaranenses ainda não sabia ler nem escrever.

7 de Agosto de 1914- Nº 2868

«Por causa da guerra entre a Áustria e a Sérvia, que há dias estalou, cujas consequências funestíssimas podem provocar uma conflagração europeia, tem-se feito sentir nos últimos dias, no comércio uma grande dificuldade em trocos. Não se sabe porquê, o povo guarda a prata e efectua as suas compras e os seus pagamentos, em papel, principalmente em notas de 5\$000 reis, facto que bastante prejudica o comércio em geral.

A corrida à prata é de indignar! Trata-se da mais genuína imbecilidade que só mostra a pouca cultura do nosso povo, infelizmente mal orientado pelo procedimento de tantos estabelecimentos comerciais que recusam aceitar notas dando troco em prata e que são os verdadeiros responsáveis d'um estado de coisas que até nos envergonham aos olhos dos estrangeiros se neste momento eles dispusessem de atenção para nos observarem.

Percebe-se que nos países de moeda d'ouro se queira, em vez da nota que só tem curso nacional o ouro que corre em todo o mundo. Mas nós! Trocamos as notas para fazermos provisão de prata, para quê? Para quê, se tanto a nota como a prata só têm valor dentro da fronteira?!

Como é que a guerra influiu para que o crédito do Banco de Portugal fosse afectado e a sua nota valesse menos do que valia? Mistério! Mas querer a gente pôr-se a explicar as asneiras alheias é tarefa inglória. Só o que havia a fazer era o governo publicar medidas enérgicas e prontas para pôr cobro a esta loucura que já fez, sendo pena que o não fizesse mais cedo.

A propósito: informaram-nos hontem que só no Banco de Portugal há em cofre 8: 000 contos em prata. Não bastará!

Acresta ainda que o Governo fez distribuir a seguinte nota oficiosa:

“Ninguém poderá recusar-se a receber moeda que tenha curso legal no território da República. Commete por isso, um crime todo aquele que se recusar a receber papel moeda, devendo os infractores serem presos, quando em flagrante delito (Código Penal, artigo 214.º)”.

Também nesta Cidade se teem feito sentir os efeitos da guerra que dia a dia toma mais assustadoras proporções. Percorre-se a Cidade não havendo quem troque moeda papel principalmente notas de 5\$000.

As lojas de mercearia têm feito largo negócio, pois todos, na incerteza do dia de amanhã, procuram adquirir por junto géneros indispensáveis à sua alimentação. Os boatos cruzam-se, os jornais são lidos com avidez em todos os olhares se divisa um sinistro ponto de interrogação.

Todos os jornais, sem excepção de cores, descrevem os horrores da guerra com imparcialidade e abatendo bandeiras políticas, não abdicando dos seus princípios, saberão, na hora decisiva 'oxalá ela não chegue' a cumprir o seu dever de cidadãos e portugueses.

Portugal, em face de tão grave conflito, precisa de calma e ponderação; precisa de espíritos cultos que nos guiem e de estudar atentamente a terrível catástrofe que vai ensanguentando a Europa e luto e a dor a tantos lados».

21 de Agosto de 1914 - nº 2872

Pela Neutralidade

«O nosso colega «Correio da Beira», num artigo que acaba de publicar e o vimos transcrito no nosso colega do Porto «Liberdade», advoga a neutralidade de Portugal, em face do conflito que trás a Europa em armas.

É um artigo muito sensato, por isso mesmo que, estejamos ou não de acordo com a doutrina nele expendida, o julgamos merecedor de ser transcrito:

“Não discutimos agora se o procedimento do Kaiser é justificável ou digno de censura. O que queremos acentuar é que o simples bom senso mandava que o governo português seguisse o exemplo de Espanha.

Que temos nós com a tríplice entente? A Espanha declarou-se neutral e ofereceu até o seu território como refúgio aos perseguidos. É nossa opinião que procedeu como devia e o seu procedimento torna-se simpático.

Portugal devia manter-se também em absoluta neutralidade. Sair dela por que motivo e para quê? Para mais comprometer-mos os nossos destinos.

Não é preciso possuir grandes faculdades de previsão para concluir desde já que manifestarmo-nos contra a Alemanha é pelo menos uma imprudência que pode ter consequências muito sérias.

Guilherme II não é positivamente um parvo. Está averiguado que há bastante ele pensava na guerra e fazia os necessários preparativos para a mobilização do seu numerosíssimo e bem disciplinado exército. Se pois, Guilherme II se decidiu a declarar guerra à França, à Bélgica e à Rússia, se resolveu apoiar a Áustria na guerra contra a Sérvia, é porque pode dispor de elementos de luta verdadeiramente extraordinários.

A vitória não pode, por conseguinte, talhar-se antecipadamente. Vencerá a Alemanha aliada à Áustria? Serão vencidas estas duas nações e triunfarão a França, a Bélgica, a Inglaterra e a Rússia, hoje todas mis ou menos aliadas?

Reputamos temerária qualquer opinião. É certo que as notícias vindas das cidades pertencentes à tríplice entente, e designadamente as notícias de Paris e Bruxelas dão as forças militares alemãs, de terra e de mar, como tendo sofrido formidáveis derrotas e o mesmo dizem das forças austríacas.

Mas essas notícias são bastante suspeitas pela sua origem e compreende-se que visam a lançar o desânimo nas fileiras dos adversários, bem como criar uma opinião geral hostil à Alemanha.

A verdade é que muitas dessas notícias carecem de confirmação e outras como, por exemplo, a de ter sido metida a pique a célebre canhoneira Panther, foram já desmentidas.

A verdade é que começa a dizer-se que os marroquinos se insurgem contra a França, que os polacos pensam em sublevar-se contra a Rússia, que os Turcos apoiam a Alemanha e a Áustria, que a Índia inglesa pensa na sua independência, que o Egipto, até agora ocupado militarmente pela Inglaterra, vai entrar em estado de guerra. E todos estes factos, muitos deles certamente imprevisíveis pela Inglaterra e pela França, vêm complicar estranhamente os resultados da luta que deve ser tremenda.

Quem vencerá? Não é possível fazer mais do que simples conjecturas, quase sempre em harmonia com os sentimentos de quem as faz.

Admitamos por um momento que ficava vencedora a Alemanha. Qual seria a nossa situação depois da vitória? É evidente que as manifestações de hostilidade feitas no período da luta nos custariam bastante caro.

Mas, quer vença a Inglaterra, quer vença a Alemanha, Portugal é quem virá sofrer as consequências da rivalidade política das duas grandes nações e, por isso, o melhor papel que lhe competia era manter-se na mais perfeita neutralidade”».

20 de Outubro de 1914 – nº 2889

Quanto custará a Portugal a mobilização que se pretende fazer

«Acaba A Nação, ilustre colega da capital, de publicar um artigo bem elucidativo de quanto ao nosso exausto País custará a mobilização do pequeno corpo de 18 mil homens que a República pretende levar a efeito com ou sem o aplauso do País.

“É sabido que actualmente se procede à compra de algumas centenas de muares para o Exército. Esta compra está sendo feita no País. Essas duas mil muares entrarão dentro em pouco nas cavalaria dos quartéis e os trabalhos agrícolas, transportes, etc, sentirão o reflexo da falta de gado.

A esta, outras compras se devem seguir, pois só para a mobilização de uma Divisão precisaremos aproximadamente de 4 mil muares e bem felizes seríamos se possuíssemos a quarta parte. O Snr. Ministro da Guerra o disse e sem rodeios: falta-nos tudo. Mas nós teremos ainda de adquirir nos País perto de mil cavalos de sela, para a mobilização da Divisão e, dados os recursos do País a esse respeito, muitas e grandes dificuldades teremos que vencer para nesta ocasião arranjar-mos aquele número de cavalos.

Mas sabe ainda quem nos lê que a mobilização de um Divisão exige mais de 750 viaturas e nós a esse respeito possuímos apenas o que devemos ao esforço inteligente do Snr. Vasconcelos Porto.

Encararemos ainda a questão sob o ponto de vista económico. Poremos de parte o dinheiro necessário para a aquisição de todo o material e gado; poremos de parte o dinheiro necessário para a aquisição de fardamentos e equipamentos e tantos outros artigos; poremos de parte o dinheiro necessário para a aquisição e fabrico de munições para a artilharia e infantaria; poremos de parte as despesas de transportes e gratificações de embarque... E consideraremos apenas a despesa mental relativa a vencimentos e alimentação. A Divisão mobilizaria com 550 oficiais, mil praças e mais de 5 mil 500 soldados.

Calculando para oficiais e praças vencimentos equivalentes aos dos que partiram para a África e atribuindo aos oficiais uma média mensal de 180 mil réis e às praças a média de 12 mil réis, o que não é exagerado, antes peca por defeito, obteremos uma soma de 311.000\$000. E como estes vencimentos terão que ser pagos em ouro, teremos que entrar em consideração com o agio e os vencimentos subirão assim a 414.000\$000 reis.

E se atribuírmos a média diária de 350 réis para a alimentação, teremos mais 250.000\$000 ou sejam 310.000\$000 reis entrando em consideração com o ágio. Chegamos assim à bonita soma de 824 contos, apenas para alimentação e vencimentos ao pessoal da Divisão.

Estas são as muitas despesas fixas, pois muitas outras existem e não cometeremos grande erro elevando aquela despesa a 800.000\$000 reis. Pecremos por defeito, nunca por excesso.

Se tratássemos dum corpo de exército, constituído com duas Divisões, a despesa seria superior ao dobro da indicada. Eis o encargo enorme que ficará constantemente a pesar sobre o País numa guerra que, segundo a expressão da própria Inglaterra, pode vir a durar anos.

Há quem diga que a França nos alimentará o exército. Mas isso seria tão triste, tão doloroso e deprimente para nós, que supomos não haver ninguém com critério que admita uma tal coisa! Isso seria ficarmos na mais vergonhosa de todas as dependências. Poderemos sem dúvida vir a recorrer aos seus depósitos se eventualmente as circunstâncias da guerra a isso nos obrigarem; mas em princípio deveremos contar com as despesas da alimentação a cargo da Mãe-Pátria.

Recordemo-nos de que há um século, quando juntos aos aliados combatíamos contra os exércitos franceses, aqueles recebiam os seus recursos de Inglaterra.

Nem outra coisa é admissível.

Mas os sacrifícios não param aqui; e porque nos parece conveniente que toos nós saibamos bem as responsabilidades que contrairemos, não terminaremos estas considerações sem dizermos a todos aqueles que formam a opinião nacional, que o efectivo de 18 mil 500 oficiais e soldados é o efectivo inicial: é o que parte para a guerra e que é necessário conservar nas fileiras.

Dizem-nos os aliados que os alemães têm, até hoje, perdido 40 por cento dos efectivos empenhados no teatro ocidental. Os aliados não devem ter sofrido menos; a França, à sua parte, deve até hoje ter sofrido perdas não inferiores a 1 por cento de toda a sua população.

Admitindo estas percentagens, que devem andar muito próximas da verdade, a nossa divisão viria a sofrer uma quebra aproximada de 4 mil homens por mês.

Precisamos de encarar a questão com sinceridade; uma vez enviada a divisão, não poderemos deixá-la até ao fim da guerra entregue à sua sorte; isso seria uma traição, de que a Mãe Pátria é incapaz. Teremos assim que contar com os contingentes necessários para preencher as quebras por morte ou doença, isto é, com o contingente mensal e aproximado de 4 mil homens, e isto durante tantos meses, quantos a guerra durar.

Que todos aqueles que virão a influir nos destinos de Portugal pensem nisto. Que a opinião nacional se manifeste com consciência».

Um português

23 de Outubro de 1914 – nº 2890

Os horrores da guerra

«Recortamos do nosso colega *O Primeiro de Janeiro*:

“Lêem-se nos jornais franceses coisas que confrangem horrivelmente o coração. A despedida do General Castelnau dos cadáveres dos filhos, ambos mortos em combate, é de enternecer a alma mais dura. Uma mãe tinha três filhos: partiram, os três, para a guerra; no momento de se despedirem, a desgraçada mulher entregou a cada um deles uma medalha com a imagem de Nossa Senhora. Um dia, recebe as três medalhas, mandadas ela mão piedosos de um camarada daqueles que tanto amava. Haviam, os três filhos, morrido.

Outra mãe recebe um telegrama de que o filho fora ferido em combate; procura-o no hospital; estava vivo, mas tinha ambas as pernas cortadas. A mãe endoideceu de dor. É uma loucura mansa. Anda pelas lojas comprando bonecos, corta-lhes as pernas e com um riso de felicidade, leva-as ao hospital, entrega-as ao filho, põe-lhas sobre o peito. Passa os dias a recortar em papel figuras humanas, tira-lhes as pernas e murmura: - «São para o meu filhinho andar». Não é horrível? Malditos os poderosos da terra que desencadeiam a guerra! E, o que é mais horrível é que, tantas vezes, falam com exaltação da guerra os que não pensam nas mortes, nos ferimentos, nas misérias e horrores dos acampamentos – e desses, quantos há que não vão bater-se, eles e seus filhos, muitas vezes cheios de saúde e riqueza, e ficando jovialmente em casa, indiferentes à morte dos pobres e humildes!”»

30 de Outubro de 1914 - nº 2892

Alemanha e Portugal

«Os jornais alemães têm comentado a atitude de Portugal em face da guerra europeia. Um jornal de Leipzig publica um artigo, no qual se diz que desde a declaração feita pelo Ministro português em Berlim no começo da guerra, de que Portugal se manteria afastado da conflagração geral, ninguém tivera tempo de se lembrar no nosso pequeno País.

Agora, que parece ter chegado para Portugal a ocasião de se manifestar, será o momento de recordar que o povo português «tão amável, tão fácil de levar», aceitará como verdadeiras todas as fantasiosas informações que a Havas e a Reuter lhe fornecem e se deixará por elas influenciar.

Segue um relato das informações fantásticas que acerca de suicídios de generais, acidentes acontecidos em Kronprinz, e os outros filhos do kaiser, lutas entre prussianos e bavaros, vitórias russas, fome e revolução na Alemanha, barbaridades, etc. têm corrido na imprensa.

O artigo termina por perguntar qual a vantagem que os homens públicos de Portugal, que certamente não prestarão auxílio do País à Inglaterra sem terem ponderado bem as recompensas a estipular, julgam poder conseguir na hipótese mesmo da Inglaterra vencer. Aumento de colónias? Certamente não, porquanto as que Portugal possui já pesam bastante na balança económica do País.

Não sendo esse o móbil da participação «não serão, pergunta o jornal alemão, necessidades políticas, necessidades de fortalecimento interno «que levam a pensar na campanha?» «Que da Inglaterra hão-de vir os meios financeiros para sustentar a acção de Portugal, não há dúvida, e não há dúvida que, se isso estiver nos seus interesses, a Inglaterra os fornecerá, o largamente!»

Noutro artigo, com o título «Portugueses, para a frente!», um outro jornal diz: «Nenhum antagonista, nenhuma concorrência económica, nenhuma inveja nacional nos separa dos descendentes do Infante Navegador; mas, à força do ouro, à ameaça da Inglaterra não pode Portugal resistir. Que pode Portugal lucrar enviando os pobres rapazes da Serra da Estrela, do Algarve e do Alentejo ou os seus cruzadores para o Norte?»

Versando largamente o tema do sistema adoptado pela Inglaterra de enviar outros a dar a pele em seu lugar, o jornal, depois de citar pretos do Senegal e do Congo, índios e funguses, bachkires e tibetanos, pergunta: «Vêde esse povo que teve um Vasco da Gama, um Cabral, que lançou, sob a égide do grande D. Manuel, as mãos à Índia e ao Brasil – que valerá de mais aos olhos dos ingleses que esses povos, seus auxiliares também? Carne para canhões, mais nada!»

E continua: «Portugal não sabe que a Alemanha, combatendo a Inglaterra, combate também em favor dos pequenos sobre cujo dorso pesa o jogo inglês?»

Aludindo ao episódio da campanha para a libertação das embaixadas em Pekin, durante a qual o almirante Seymour deu a célebre ordem: *Germans to the front*, o jornal diz que agora cabe aos portugueses a ordem inglesa: «Portugueses, para a frente do combate!» e termina dizendo que muito se hão de rir os ingleses quando, ao fazer as contas aos seus lucros, virem combatendo ao lado das variadas hostes aliadas, os republicanos do Tejo com as tropas do czar e do mikade e com o próprio D. Manuel, que também já se ofereceu à Inglaterra, tudo lutando contra o «militarismo alemão» que nunca interessou, nem interessa a todos esses que contra ele desembainharam a sua espada e vertem o seu sangue.

Escritos naturalmente debaixo do ponto de vista alemão e, conseqüentemente anglofobo, estes artigos têm para nós o especial interesse de nos mostrar que a imprensa alemã se nos refere em termos mais doces do que era de esperar, relembando os tempos das nossas conquistas».

Do Commercio do Porto

1 de Dezembro de 1914 – nº 2901

A Itália contra a «Triple-Entente»?

«Pertence ao diário republicano, *O Paiz*, o que referente ao assunto:

“Muito e muito grave a notícia que damos a seguir e que é dada pelo insuspeito Herald de Madrid. O Novo Diário de Vienna reproduz um extracto de um artigo do Il Popolo Romano, no qual se defende a acção comum da Itália e Austria-Hungria.

O citado jornal diz que a Itália tem um interesse vital na conservação e resistência da monarquia austro-hungara e que o futuro da Itália no Mediterrâneo pode correr o perigo somente pelo lado da França, porém nunca pelo lado da Austria-Hungria.

Diz-se que o autor deste artigo, é do partido do novo ministro de negócios estrangeiros italiano, o Snr. Sonnino. Muito grave como vêem. A intervenção da Itália ao lado da Alemanha faria naturalmente inclinar a vitória para o lado desta potência.

Basta ver os recursos militares da Itália de que dispõe para nos convenceremos de que assim sucederia. Em tempo de guerra com o chamanento das milicias e das reservas pode a Itália mobilizar facilmente quase dois milhões de homens.

Quanto à marinha tem 6 dreadnoughts, 11 predeadnoughts, 10 cruzadores protegidos, 10 tropedeiros, 35 destroyers, 111 lança-torpedos e 32 sub-marinos, tripulados por 1 898 oficiais e 28:500 marinheiros.

Mas resolver-se-á a Itália a combater ao lado das suas aliadas?

Se resolve ou não, não sabemos. O que sabemos é que o actual ministério dos estrangeiros de Itália é um discípulo de Crispi a cuja política se tem conservado sempre fiel e Crispi era um fervoroso apaixonado pela triplice e um feroz inimigo da França. Mudaria de opinião o Snr. Sonnino?

E a ida para Roma do chanceler Buló que de tanto e tanto prestígio goza na República? E a recente retirada das tropas austríacas da fronteira austro-italiano?»

8 de Janeiro de 1915 - nº 2909

«Mostra-se cada dia mais intrincado o caso da nossa co-participação na guerra europeia. Devemos ir morrer nos campos de França, não devemos, eis o assunto que ora, na imprensa política, acaloradamente se desenvolve e se discute.

Todos sabem que a opinião do chefe aerorevolucionarista é que partamos a combater ao lado das nações aliadas, pois segundo afirma, há compromissos tomados a que não podemos, nem devemos faltar.

O mais interessante do caso é que O Paiz, diário do partido chefiado pelo snr. António José, se mostra absolutamente discordante da opinião do seu chefe. Vejamos o que escreve aquele jornal:

“O snr. António José de Almeida afirmou no parlamento que viu com os seus olhos notas em que a Inglaterra pede o concurso militar de portugueses para o teatro ocidental da guerra.

Estamos plenamente convencidos que o snr. António José de Almeida foi vítima de mais um embuste, porque as nossas informações, que reputamos seguríssimas, negam em absoluto que nos tivesse sido pedida a nossa intervenção pessoal na guerra na Europa e as nossas informações são corroboradas pelas do snr. Brito Camacho, que neste assunto está imensamente melhor informado que o snr. António José de Almeida, porque aquele snr. pode com facilidade controlar as informações que cá lhe dão, porque os diplomatas portugueses são todos unionistas, enquanto o snr. António José de Almeida apenas se fundamenta nas informações do snr. Bernardino Machado e as informações desse snr. não podem, nem devem merecer confiança.

Não tenha dúvidas o snr. António José d’Almeida. As nossas informações e as do snr. Brito Camacho são seguras, categóricas, insofismáveis. Portugal não tem de co-participar na guerra da Europa, porque lhe não foi pedida a sua co-participação”.

- Não acham interessantíssimo? Que baralhada! E como eles tratam um caso da maior importância!»

12 de Janeiro de 1915 - nº 2910

Sangue e luto

«Já estão em Angola alguns milhares de soldados portugueses; já foram imolados em holocausto da Pátria muitos d’esses heróicos compatriotas; já começaram para esses nossos irmãos as trágicas cenas da grande epopeia que enluta quase todos os povos cultos; o coração de muitas virtuosas mulheres portuguesas é dilacerado e acerba dôr, chorando sem consôlo a perda de seres que derramaram o seu sangue além, em paragens longínquas e inóspitas.

Parece que uma sombra fatal passou sobre esta infeliz Pátria!

Não é o pavor que esmorece os espíritos; é a tristeza, engendrada pelo quase convencimento de que este lindo e hospitaleiro país caminha vertiginosamente para o desastre.

Os plainos da nossa rica e florescente província de Angola acabam de ser regados com o sangue generoso de filhos desta gloriosa Lusitânia, que foi berço de tantos génios imortais, para juntar-se às bárbaras sangrias da espantosa hecatombe universal; muitos lares portugueses estão de luto, onde se deplora com profundo desespero a morte do filho, do esposo, do pai: jovens vigorosos e altivos, heróicos e abnegados, quase todos sustentáculos de suas famílias, que agora ficam à mercê de um triste e implacável destino!

*

Vibram no espaço os clarins do Apocalypses e o Universo inteiro está envolto em sangue e em luto, por uma repugnante luta estéril, sem fundamento nem finalidade, que não pode ter outro resultado que demonstrar como, em pleno século XX a barbaria é superior à civilização, a força à razão e a iniquidade aos sentimentos de justiça.

As andorinhas que nas estrofes de um poeta, buscam em vão um mártir, também buscam inutilmente um povo que mereça ser redimido.

A notícia do massacre dos nossos valentes soldados em África é para nós muito mais doloroso do que todas as horríveis matanças da guerra europeia. O espectáculo é trágico, horrível! Em quase toda a parte está interrompido o tráfego: nos caminhos de ferro e nos cais, reina o mais tenebroso silêncio.

Centenas de navios estão retidos nos portos, esperando que apodreçam as suas inúteis mercadorias; centenas de milhares de operários esperam a miséria com os braços cruzados; muitas cidades, antes tão animadas pelo fervor da indústria, jazem aletargadas na quietude e no pessimismo; bancos e casas de crédito fecham as suas portas, temerosos da obrigada quebra, quando não da vergonhosa bancarrota; os empórios de riqueza mais florescentes transformam-se numa espécie de feira da ladra ou de casas de prego, onde os produtos alimentícios são vendidos por preços elevados.

A produção está quase paralisada; instantaneamente perdem-se tesouros incalculáveis para o bem dos homens. Algum tempo mais e letargo e a Humanidade inteira cairá fatalmente na miséria, no desespero ou numa espécie de fervor selvagem.

Isto é demasiado cruel! Por grandes, por irreparáveis que sejam as perdas ocasionadas até hoje pela horrorosa catástrofe europeia, não poderão comparar-se aos desta ferida mortal que rouba a actividade humana; a esta paralização da criação e circulação de riqueza; a esta miséria horrível que cresce a cada instante e que parece chamada a frustrar em alguns meses de imbecilidade colectiva o labor de muitas gerações de sábios, de trabalhadores e de homens de bem.

A catástrofe é tão grande, tão inaudita e tão absurda que pode prever-se uma reacção violenta e avassaladora contra a maldade onipotente de meia dúzia de lobos que arrastam ao sacrifício milhões de ovelhas inocentes.

É provável que o redil chegue a converter-se em manada, e a mensidão em hidrofobia.

Analisemos o esforço que representa o mais insignificante labor humano: transformar um pequeno bosque num campo fértil e salutar, construir um edifício, montar uma fábrica, organizar uma modesta oficina. Foi preciso que centenas de laboriosos e infatigáveis cérebros observassem pacientemente factos e descobrissem leis; que a indústria inventasse e aperfeiçoasse instrumentos; que indivíduos e colectividades aplicassem princípios económicos e sociológicos; que milhões de braços correspondessem ao impulso de centenas de cabeças.

Lembremo-nos que o trabalho procura na sociedade os seus glóbulos e que a paralização durante alguns meses equivale a uma anemia mortal; examinemos dum só olhar os efeitos de uma tremenda contenda, e conencer-nos-hemos de que esta catástrofe só é comparável a um grande movimento geológico que faz desaparecer entre as lavas de fogo cidades inteiras».

J. Seyes d' Oliveira

15 de Janeiro de 1915 - nº 2911

«Com destino a Angola, onde os chama a integridade da Pátria, partem, no dia 18 do corrente, duas companhias d' Infantaria 20 na força aproximada de 500 homens.

Soldados do glorioso exército de épicas campanhas de Marracuene, Dembos, Magul e Cuamatatas, saberão, como sempre, honrar a farda do exército português. O Commercio de Guimarães dirige aos expedicionários o preito da sua homenagem, saudando-os entusiasticamente e pedindo a Deus regressem cobertos de triunfo. Viva a Pátria!! Viva o Exército!!»

19 de Janeiro de 1915 – nº 2912**Pela Pátria**

«Seguiu ontem, no comboio da tarde, para a capital, com destino a Angola, onde periga a autonomia da Pátria, a 10^a Companhia de Infantaria 20, composta de 250 homens.

A força foi, até à estação de Vila Flor, comandada pelo ilustre Coronel-Comandante de Infantaria 20, e acompanhado de enorme multidão popular que, incessantemente, vitoriava a Pátria e o Exército.

Na estação do caminho-de-ferro, a manifestação dos bravos expedicionários foi intusiástica e delirante.

Centenas de pessoas ali se reuniram, dentro e fora da gare. À partida do comboio, a manifestação assumiu proporções gigantescas sendo delirantemente aclamada a Pátria e o Exército.

Ao que nos informam, a 10^a Companhia de Infantaria também na força de 250 praças, seguirá para Lisboa no próximo dia 24».

22 de Janeiro de 1915 - nº 2913

«Partem depois de amanhã, domingo, com destino às inóspitas regiões de Além-Mar, ora invadidas pelo inimigo, mais 230 praças do regimento 20, ou seja a Companhia de Infantaria. Crentes de que saberão, distanciados da Pátria, honrá-la e defendê-la, como tão nobremente o fizeram os antigos heróis d' África, «O Commercio de Guimarães» dirige aos bravos expedicionários as mais entusiásticas saudações e faz votos ao altíssimo para que em breve regressem à Pátria com a frente guarnecida pelos louros da Vitória.

Viva a Pátria! Viva o Regimento de Infantaria 20! Viva os expedicionários! Viva o Exército!»

5 de Fevereiro de 1915 - nº 2916**Pela Pátria! Expedição a Angola**

«O povo vimaranense, em massa, dispensa aos expedicionários de Infantaria 20, uma entusiástica manifestação de despedida. Na gare do caminho de ferro aclamam-se delirantemente a Pátria e o Exército. Os expedicionários associam-se ao entusiasmo do Povo. Uma contra manifestação «formigal» gorada. Viva a Pátria! Viva o Exército! Viva a Liberdade!

Com destino a Angola, onde a chama a integridade da Pátria, partiu na madrugada de segunda-feira mais uma companhia de infantaria 20 na força aproximada de 250 homens.

Descrever aqui a grandiosidade da manifestação dispensada pelos vimaranenses, nessa madrugada, aos bravos expedicionários seria tirar-lhe o brilho, diminuir-lhe o valor.

Não. Não o faremos. Nem, que quiséssemos, o faríamos. Manifestações como essa, a que assistimos, não pode uma pena descrevê-las. Só visto!

Por isso, nos limitaremos a umas ligeiras notas para que arquivados fiquem, nestas colunas, os ecos de tão memorável quão grandiosa, entusiástica e patriótica manifestação popular.

Marcada a partida da expedição para as 3 horas da manhã, começaram, muito antes, a afluir ao Cavalinho centenas e centenas de pessoas, que, tomando toda a gare, encheram ainda as imediações do edifício da Estação do caminho-de-ferro.

Às 3 horas precisas, a coluna expedicionária subia, por entre frenéticas aclamações do Povo, na Avenida do Comércio.

As saudações à Pátria, ao Exército, ao Regimento de Infantaria 20, ao Governo militar, aos expedicionários, aos oficiais de Infantaria 20, ao General Pimenta de Castro, aos Heróis de África sucediam-se ininterruptamente, de mistura com clamorosos gritos de abaixo a formiga branca, abaixo a tirania demagógica, abaixo os parasitas, abaixo os exploradores do Povo.

À frente da coluna marchavam, em pequeno grupo, os mais graduados membros da «formiga» local que, vendo a atitude desassombada e patriótica do Povo, e ainda as tropas expedicionárias confraternizando com ele, se «rasparam» para a gare da estação, onde, dizia-se, a «formiga branca» faria uma manifestação hostil ao Exército e, sobretudo, aos oficiais.

Entretanto, as saudações à Pátria e ao Exército continuam entusiásticas, arrebatadoras, delirantes, até que os bravos expedicionários e a ilustre oficialidade de Infantaria 20 entrou na gare do caminho-de-ferro.

Aqui, o que se passa, o espectáculo a que tivemos a ventura de assistir é soberbo, é único, não há mesmo memória de um semelhante!

- Viva o Exército! – grita uma voz partida daquela imensa multidão e, logo, centenas de lábios se abrem, exclamando: Viva!

O povo, rodeando a oficialidade de Infantaria 20, saúda entusiasticamente a Pátria e o Exército, respondendo a ilustre oficialidade com a continência militar.

E, até à partida do comboio, até ele desaparecer na escuridão da noite, a multidão não cessa de, delirantemente, freneticamente, desassombadamente aclamar a Pátria, o Exército, as campanhas de África, a Liberdade, o Governo Militar, o General Pimenta de Castro, a Guarnição de Lisboa, o Comando de Infantaria 20, o soldado português, os oficiais de Infantaria 20, gritando também com o mesmo entusiasmo, o mesmo delírio, o mesmo desassombro: - abaixo a formiga branca, abaixo a delação no Exército, abaixo os parasitas da sociedade, abaixo a tirania!

Os soldados, apostos às portas das carruagens, dizem adeus, agitam lenços e capacetes e confraternizam com o Povo, gritando: abaixo Afonso Costa! Viva a Pátria! Viva a Religião! Viva o Exército! Viva o Governo!

Vai partir o comboio. A locomotiva começa mexendo todas aquelas carruagens, apinhadas de bravos portugueses que partem na defesa da Pátria. Há, então, no Povo que por completo enche a gare, um momento de louco entusiasmo. Em todas as direcções se cruzam as aclamações mais entusiásticas.

O momento é solene. Palpitam, de comoção e de entusiasmo, centenas de peitos portugueses! São palmas, bravos, vivas que se ouvem aos expedicionários, à Pátria, ao Exército, ao Regimento de Infantaria 20, às armas portuguesas de mistura com clamorosos gritos de abaixo a formiga branca!

O comboio põe-se, então, em marcha, e vai desaparecendo pouco e pouco, com lentidão, perdendo-se por fim no escuro daquela memorável manhã em desabrocho. E, como últimos ecos de tão imponente apoteose à Pátria e ao Exército divisavam-se, na escuridão do espaço, lá longe, umas coisitas brancas a acenar: - eram os lenços dos bravos expedicionários a dizer – adeus! – ao Povo de Guimarães!»

6 de Abril de 1915 – nº 2932

Infantaria 20 em Angola. É o único regimento que dá mostras de disciplina, diz um militar em campanha

«O nosso prezado colega de Braga, *Echos do Minho*, acaba de dar à publicidade uma carta vinda de Benguela, das mãos de um militar em operação.

Refere muita miséria, como outras cartas vindas dali e publicadas, quase todos os dias, pela imprensa periódica.

Eis os principais períodos desse documento, notável, como muitos outros, para a história deste regime e para o julgamento dos organizadores da expedição ao Sul de Angola:

“Passados dias, o Roçadas mandou um reconhecimento de cavalaria, e os alemães apanharam-nos lá a todos e não escapou nenhum.

Em vista disto, o Roçadas pediu forças e a Infantaria 14 recusou-se a seguir. O Roçadas mandou dizer que devia e podia mandar fuzilá-los a todos, mas que não queria, pois que no fim da guerra o governo lhes pagaria conforme o merecessem, mas que os abandonaria para sempre. Tanto assim, que, quando hoje um oficial qualquer de Infantaria 14 passa pelo Roçadas e lhe faz a continência, ele vira-lhe a cara. Diz ele que aqueles para ele não são militares, mas sim uns cobardes!

Pois é isto o que por cá se está passando. Agora já cá temos uma coluna com perto de 8 mil homens. Os alemães têm no território deles apenas 9 mil.

Ah! Mas sabem o que salvou as nossas forças no combate de 18 de Dezembro de 1914? É que as granadas dos alemães vinham cair aos pés das nossas tropas e não arrebentavam, porque se elas arrebentassem não se nos aproveitava nem sequer a alma!

O que te digo é que os regimentos que para cá têm vindo são todos muito indisciplinados: têm feito por aqui muita pouca vergonha. Imagina que estão na cidade de Mossamedes, que é muito pequena, uns 6 mil homens. Ali é impossível viver-se, pois nenhuma senhora se pode chegar a uma janela, senão arrisca-se a ser insultada.

Ainda assim o regimento mais disciplinado que cá apareceu, foi o 20 de Guimarães, de resto, não se aproveita nada!...”

Penaliza-nos muito, como portugueses que somos, as nossas tropas não tenham, em África, dado mostras daquela bravura e disciplina de outros tempos, desses tempos em que o caminho da vitória era indicado pelo brilho que irradiava das espadas desses gloriosíssimos portugueses, hoje no Exílio, quase na miséria, desterrados e expulsos por esta luminosa República, - Henrique de Paiva Couceiro, João de Azevedo Coutinho, João de Almeida, Montez e outros vultos eminentes das armas portuguesas, autênticos heróis e verdadeiros símbolos da Honra e do Patriotismo!

Sim, muito nos penaliza, muito o sentimos, e muito mais ainda por sabermos esse fracasso devido aos homens que nos desgovernaram e tanto se têm empenhado na indisciplina das tropas portuguesas e na desmoralização das mesmas, factores que consideravelmente concorrem para o desaparecimento, em campanha, daquela bravura que foi, nos tempos áureos da Monarquia ominosa, o melhor característico do nosso Soldado.

Segundo a carta militar em campanha, um regimento apenas se salvou de tamanha indisciplina: Infantaria 20.

É uma notícia que muito nos consola, no meio de tanto desconsolo e de tanta tristeza!

Na verdade, Infantaria 20 é um regimento bem disciplinado, um dos poucos regimentos do País, onde a formiga não conseguiu frutificar, embora no seu seio conte, também, alguns desses perniciosos elementos, tão nocivos e tão perigosos para tudo e para todos.

É uma notícia que nos consola, que honra a cidade de Guimarães – que enche de orgulho a distintíssima oficialidade do nobre regimento de Infantaria 20, regimento que outrora se chamou – Regimento de Infantaria 20 do Infante Dom Manuel».

7 de Setembro de 1915 – nº 2972

Sua Majestade a Rainha Senhora D. Amélia fala à França

«Do *Le Petit Parisien*, de 25 do corrente, transcrevemos com a devida vénia, os seguintes trechos de uma interessante entrevista que um representante daquele jornal teve com sua Majestade a Rainha Senhora D. Amélia de Orleans:

«O papel das francesas»

Nem um só instante o meu pensamento abandona a França e não se passa um dia em que eu não evoque, com o coração oprimido, a cruciante dor das mulheres do meu País, que a notícia da morte de um ente querido vem surpreender na triste miséria de uma casa de operário ou de uma mansarda de camponês.

É a essas, sobretudo, que eu pretendo falar, mais ainda do que às outras, cuja situação social se associa mais intimamente aos deuses para com o próximo – mulheres de oficiais, mulheres da aristocracia, mulheres da burguesia – privilegiadas para o sacrifício, mais preparadas para um sacrifício estóico.

Às outras, operárias e camponesas, a essas a que dou o belo nome de «mulheres do povo de França», eu queria poder dizer, abrindo-lhes o meu coração, não como Rainha, mas como Princesa de França, para quem o destino foi mais cruel do que para a mulher mais humilde. Mulheres de França: não temos o direito de mostrar as nossas lágrimas. Para a nossa honra, devemos sofrer em silêncio e numa ansiedade enorme, espero o dia em que a vitória nacional vingará triunfante os males inesquecíveis.

Esconder a sua pena e não ver no desânimo que nos obseca, que a gloriosa escolha de Deus faz de cada vítima desta guerra, um herói, intrépido e arrojado, é esse o dever de toda a mulher francesa: duvidar um só instante da vitória, pensar um segundo sequer na possibilidade de uma fraqueza da nossa valiosa Nação, seria uma blasfêmia, seria um crime.

É impossível que a França deixe de ser vitoriosa; é impossível que o direito de mão dada com a coragem não triunfem da infâmia, ainda que armada de poderosos canhões, essa será a maior glória que poderemos ter, nós; as mulheres de França, de termos preparado com o nome dos resignados essa vitória suprema que os nossos soldados hão-de alcançar sobre o inimigo.

Queixam-se eles por ventura das mágoas e dos perigos a que estão sujeitos? Pois é necessário fazer-lhes saber que toda a mulher francesa, a mais triste, a mais infeliz, dirige o seu pensamento e a sua esperança para aquele que de entre todos se julgue mais abandonado e mais só e que é por isso – soldado desconhecido! Herói anônimo! – que ela transporta a sua afeição por um filho desaparecido. Entre nós não há divisões políticas, mas um só partido – o partido francês; e parece-me que não devia haver famílias diferentes, mas sim uma única – a Nação.

Mais tarde – muito breve depois da vitória... retomada a vida normal, retomar-se-há também o pesado fardo das dores e então... nestas, será permitido às francesas que chorem, que derramem sobre os seus mortos, as mais pungentes lágrimas de saudade.»

5 de Outubro de 1915 – nº 2980

Então vai-se ou não para a guerra?

«Afinal houve o 14 de Maio para se definir a nossa situação perante o conflito europeu, e nós... estamos na mesma.

Houve sangue e centenas de vidas imoladas, e enfim quem lucrou com isso? A nação? Resolveram-se as questões pendentes?

Vamos a ver com a eleição do novo presidente, se se sabe, enfim, qual a nossa situação perante o conflito europeu.

Mas... quer-nos parecer que fica tudo como dantes... Somos beligerantes e... somos neutrais. Somos tudo que suas excelências quiserem».

12 de Outubro de 1915 – nº 2982

A Guerra – Reflexões de um excêntrico

«Ainda dura a guerra! E quanto tempo durará ainda! Catorze meses não bastaram à sua fauce hiante para se saciar, nas colinas vridentes da Alsácia, nas campinas imensas da Rússia, nas encostas escarpadas dos Dardanelos, nas veigas viçosas da Estria e nas montanhas agrestes dos Balcãs, homens contra homens resolvem-se em luta raivosa, na ânsia ferina de matar!

Avalanches de corpos humanos são arremessados sem cessar para a guerra insaciável que quanto mais lhe dão mais quer, mais devora, mais reclama.

Ela exige, ela impõe e implacavelmente, vítimas e mais vítimas—e ainda se não satisfaz! Chamam-se as reservas, chamam-se as crianças, os homens válidos—e ela impassível mais ordena!

Há catorze meses que se mata gente sem cessar, que se abrem covas e se fecham os lares em luto.

Pelas mais importantes nações da Europa, ainda há pouco tão populosas, trabalhando no progresso, vivendo felizes para a vida, gozando no presente a esperança do futuro—passa hoje a asa negra do infortúnio.

Arrastam-se por lá mulheres, velhos e crianças de tenra idade. E são estes que labutam, que ganham o pão diário, com os olhos ansiosos postos no horizonte à espera de notícias...

As noites passam-nas sob pesadelos, a pensar nos entes queridos que lá no campo das batalhas pensam e porventura choram—na iminência duma separação eterna!

Tantas ilusões desfeitas, tantos amores insaciados, tantas viúvas e tantos órfãos!

Que de vidas preciosas, geradas no hálito de um beijo, nascidas entre arminhos e sorrisos, criadas no alento dos carinhos, iluminados pelos olhos verdes da esperança, educadas com tanto zelo e custo de tantos anos—para num momento caírem atravessados por uma bala estúpida!

E tudo isto porquê? Porque existe uma coisa convencional a que se dá o nome de fronteira, pela cobiça, pela ambição, pelo ódio de raça, pelo preconceito!

Nada de elevado, nada de sublime, nada de supremo! Tudo, afinal, se resume numa coisa ínfima: cobiça, ódio, ambição, preconceito! É genial, é bendito, é generoso, o sentimento, o dever do soldado que se bate pela Pátria!

Quem duvida ou contesta? Mas aquele princípio, aquele interesse, aquele motivo—que o chamam ao campo de batalha—são-no porventura? Não!

—

E mais outro inverno se avizinha. Os combatentes abrem cavernas na terra para nelas se agasalharem e mais facilmente escaparem às balas que sibilam no ar.

Mas de ouvido atento e olhos à espreita, vigiam-se mutuamente, de trincheira para trincheira, não consentindo que impunemente se adiante um passo...

Quanto tempo durará ainda uma situação assim? E nos lares habitados agora somente pelos velhos, mulheres e crianças, a desolação aumenta com o inverno.

Nas noites imensas, tormentosas, dos temporais desfeitos, das ventanias que uivam como lobos famintos, pelas faces de pergaminho deslizam silenciosas lágrimas de velhos que lá têm um, dois e três filhos, ou netos que eles viram nascer, trouxeram ao colo, longe de pensar que a guerra maldita lhes arrebataria!—e os olhos de esposa ou de noiva, de órbitas maceradas, choram copiosamente a sorte dos seus, com quem em dias de sonho architectaram lindos castelos de ouro!

Quantas vidas arruinadas, casas desarranjadas, economias gastas, esforços aniquilados, em tantas, tantíssimas famílias!

Haverá, acaso, vitória, por mais estrondosa que seja, por mais onerosa que seja para os vencidos, capaz de compensar tantas aflições, tantos desesperos, tantos lutos, tantas desgraças? Não há.

Que objectivo, pois, será esse, oh! insensatos, oh! feras, oh! selvagens?!

O que pretendem, o que desejam, afinal?

E o nosso espírito perde-se num labirinto de conjecturas e não encontra satisfação cabal a justificar, a explicar sequer essa monstruosidade da guerra, com todos os seus horrores, com todos os seus caprichos de requintada maldade!

Oh! o século XX, o século das luzes, o século da civilização, do progresso, a civilizadíssima Europa!»...

Sallustio

15 de Outubro de 1915 – nº 2983

Portugal perante os feridos da guerra?

«O Snr. Dr. José de Ataíde, director da repartição de Turismo, que fora encarregado de proceder ao inquérito sobre a responsabilidade de, no nosso País, serem hospitalizados oficiais e soldados feridos nos combates dos Dardanellos, enviou já ao Snr. Ministro dos Estrangeiros o resultado desse inquérito, concluindo que a maior parte das empresas de águas minero-medicinais acolheram de bom grado tal iniciativa. Só nos estabelecimentos termiais de Moura, Caldas de Aregos, Curia, S. Pedro do Sul, Paço de Estoril, Luso e Buçaco, Melgaço e Gerês, há quartos e camas para 3 mil feridos.

Aproveitando-se outros estabelecimentos como sendo o Lazareto e o Colégio de Campolide, que se pode adaptar para tal fim, poder-se-á dar hospitalidade a 5 mil indivíduos.

Opina o Snr. Dr. José Ataíde que muito conviria construírem-se, nos terrenos quentes de algumas empresas termiais, barracões de madeira próprios para a estação calmoso, com tendas apropriadas para o internato dos feridos.

Diz-se que para este concelho virá enorme quantidade desses heróis que procuram em Portugal asilo para se convalescerem dos ferimentos que receberam em Dadanellos.

Todo o concelho de Guimarães receberá condignamente esses combatentes e, se não se atrevesse uma crise pavorosa, estamos certos que muitas famílias ofereceriam hospitalidade aos seus hóspedes.

Diz-se que virão para a Penha, Vizela e Taipas e para esta Cidade».

25 de Fevereiro de 1916 - nº 3020

Portugal perante o conflito europeu

«A situação de Portugal perante o conflito europeu é sob todos os pontos de vista deprimente.

Nós temos praticado todos os actos para sermos considerados beligerantes e declarados inimigos da Alemanha. Fornecemos armas e munições à Inglaterra, e este facto é já do domínio público internacional, pois a ele se referiram todos os jornais de grande circulação franceses e ingleses.

Nós servimos de intermediários à Inglaterra na compra de navios às nações neutras, cometendo assim um acto de incorrecção e deslealdade, pois, se os neutros soubessem que os navios comprados se destinavam a Estados beligerantes não os venderiam, e os países inimigos de Inglaterra não o consentiriam.

Nós enviamos desde o princípio da guerra diariamente dezenas de contos de gado, géneros alimentícios, artigos de guerra aos países aliados, negando-os aos países contrários.

Nós fabricamos nas nossas fábricas em grande escala enorme quantidade de munições, como obuses e granadas, que enviamos para o campo de acção dos aliados, negando tal fornecimento à Alemanha e aliados desta.

Tivemos aquela desastrosa campanha de Angola em que nos batemos com um corpo irregular de colonos alemães, ficando nós derrotados e as tropas alemãs vitoriosas com despojos e prisioneiros.

Nós, por declarações do parlamento da república, por afirmações de vários governos, por manifestações públicas de alguns políticos de Lisboa, temos tomado uma atitude de aberta e franca hostilidade contra a Alemanha e contra os outros impérios centrais.

...

Nestes actos por nós cometidos ninguém pode afirmar que procedemos com galhardia, com brio, com altivez, com dignidade.

Aquele facto de mandarmos armas e não mandarmos soldados para pegar nessas armas, ficando nós de mais a mais quase desarmados, não é positivamente uma coisa que honre o nosso juízo de homens prudentes, nem o nosso timbre de portugueses ciosos do seu valor.

Aquele caso de, à laia de contrabandistas, fingirmos que comprámos à Itália navios de guerra como se fossem para nós (então ainda a Itália não estava em guerra), para depois os passarmos à sucapa para a Inglaterra que para compra desses navios nos havia dado o dinheiro preciso – não é positivamente uma façanha que honre a nossa lealdade e a nossa inalterável correcção.

Assim, nós temos feito uma figura de moço de recado para com os aliados que nos mandam, que se nos impõem, que nos determinam serviços pouco recomendáveis...

E, quando há pouco, o governo da República, insistiu pelo reconhecimento de esses serviços, a Inglaterra, segundo boatos correntes, mandou perguntar-nos a importância dos serviços prestados para nos... pagar!

Não admira, pois, que o espírito internacional recaia sobre nós com todo o peso do seu desdém e do seu desprezo...

Não admira ainda, que um país que assim tão lastimosamente se comporta, não tenha a honra de ser considerado nem beligerante, nem neutro, nem coisa nenhuma...

Nem a Alemanha nos liga a consideração de nos declarar guerra pelos actos atentatórios que temos cometido, nem os próprios aliados afinal nos consideram como beligerantes ou como noutros.

É um País sem cotação, sem peso algum no conceito internacional. Tis factos não devem ser atribuídos àqueles países aliados que assim nos têm levado a fazer tão tristes figuras...

Os aliados ligam-nos a importância que lhes merecemos, a consideração que lhes devemos. Quem não sabe prezar o seu brio e a sua dignidade é assim tratado. Aproveitam-se de nós, abusam de nós, utilizam-se de nós, e ligam-nos um apreço nulo...

E isto porquê? Porque desde o início não soubemos ocupar o nosso lugar com circunspecção, com austeridade, com independência.

Assim que estalou a guerra, logo o Governo da República, com o parlamento, se puseram de cócoras perante os aliados, oferecendo-lhes o que podiam e que não podiam, numa atitude subserviente, quase rasteira.

Nenhum País assim procedeu. Antes, países tão pequenos como o nosso, ou mais pequenos ainda, se recolheram a uma atitude de circumspecta expectativa, aguardando os acontecimentos e sabendo tomar perante o conflito uma atitude digna de correcção, de lealdade e de brio.

Esses países, além de lucrarem económica e financeiramente com tal atitude, lucraram também politicamente, porque se tornaram respeitados, considerados e cobijados pelos povos beligerantes.

Nada disto sucedeu connosco. Sem entrarmos em guerra, temos as nossas finanças avariadas e estamos economicamente em vésperas de fome! E sob o ponto de vista internacional é o que se vê... Eis a triste situação em que nos lançaram os homens do regime».

J.S.

31 de Março de 1916 - nº 3028

Carestia da vida

«Por toda a parte se esboçam sintomas alarmantes por causa da carestia da vida, principalmente pela falta de pão. O que motivou isso, pois que houve bastante pão?

De duas uma: ou está armazenado ou foi exportado para fora e agora temos à porta a fome. Pessoa competentíssima nos garantiu há pouco que para a Espanha passam diariamente milhares de ovos! O que se dá com os ovos, dá-se indubitavelmente com o pão e restantes comestíveis.

Cautela pois: a fome é negra e má conselheira... »

5 de Maio de 1916 - nº 3037

Para implorar da Virgem o seu fim, subamos a Montanha da Penha!

«Horrível, verdadeiramente horrível, a tragédia sangrenta que há cerca de dois anos se vem desenrolando em diversos povos da Europa.

A guerra monstruosa e bárbara a que estamos assistindo, não tem precedente na história mundial!

As terríveis e inevitáveis consequências derivadas de tão sangrento conflito, estão sendo experimentadas por todos os povos, mesmo por aqueles que ainda têm a felicidade suprema da sua neutralidade!

É uma luta colossal e que ameaça transformar a Humanidade em um montão de cadáveres!

Confrange-se-nos a alma ao sabermos de tão horrenda carnificina! Deus se compadeça desta desgraçada Humanidade.

O Altíssimo nos mande o bálsamo bendito da sua onnipotência!

-O activo correspondente desta cidade para o diário bracarense «Echos do Minho», na sua carta de 2 do corrente para aquele colega, lembra, e muito bem, a preparação de fé à Virgem da Penha, a fim de se implorar da Virgem a sua santa protecção em favor de tão grande desgraça.

Aplaudimos entusiasticamente tão sublime ideia, e sendo os habitantes desta laboriosa cidade e concelho, na sua quase totalidade, verdadeiros e sinceros católicos, que dúvida poderemos ter na sua imedita realização?

Sem crença e sem fé, nenhum povo caminhará. Nós, os portugueses, na sua enormíssima maioria, mantemos firmes e inabaláveis as gloriosas tradições de religiosidade de que tanto reza a nossa história pátria.

E de mãos erguidas, subamos piedosamente a montanha santa e peçamos à Virgem a sua protecção para a cessação de tão horrível e desumano espectáculo. - Vimaraneses, à Virgem da Penha!»

5 de Maio de 1916 - nº 3037

A GUERRA – o que diz um jornal inglês

«O *Morning Post* publicou o seguinte artigo que é muito importante, atendendo à ponderação e elevado critério que norteia sempre aquele considerado jornal inglês:

“Temos ouvido toda a sorte de opiniões imaginárias sobre a batalha do Mosa.

Há pessoas que dizem que os alemães estão loucos empregando semelhantes esforços e outros afirmam ser certo que lograrão seu intento.

Não podemos supor depois da nossa experiência da guerra, que o Estado Maior alemão se compõe apenas de gente desesperada, às cabeçadas a uma parede.

A luta é sangrenta para ambos os lados; o inimigo espera obter um grande prémio: o prestígio de conquistar uma grande fortaleza, a qual, a exemplo de outras grandes fortalezas cobre uma linha importante de avanço sobre o coração de um País.

Os franceses conhecendo o perigo, concentraram todo o seu poder na defesa e defendem o seu território polegada a polegada.

Os nossos aliados têm feito maravilhas, não só tendo obrigado os alemães a retroceder como detendo-os.

Não há dúvida que num dado momento, o inimigo quase conseguiu romper a linha principal no este de Mosa.

Quando os alemães tomaram parte de Douamont, a situação era desesperada.

Até que ponto alcançará êxito o novo movimento envolvente dos alemães que agora se realiza lentamente, ninguém pode dizê-lo.

É esta a maior batalha que se tem ferido no mundo e os franceses reconhecem a sua importância tanto como os alemães, e combatem com uma habilidade e um valor que não podemos admirar suficientemente.

No entanto, o que fazemos para os ajudar? Segundo as informações francesas, ocupamos uma linha bastante extensa, razão porque os nossos aliados nos estão seguramente reconhecidos. Não é, porém, a gratidão o fim principal da guerra, mas a vitória, e o pouco que sabemos da história induz-nos a supor que a vitória se obtém, não ocupando uma linha, mas vibrando golpes quando a decisão está pendente. Falou-se muito, e em tom jactancioso, dos milhões de homens que, graças ao nosso sistema voluntário, podemos pôr em pé de guerra e das munições que se supõe que esta «grande fábrica do mundo» está produzindo. Mas estas coisas devem ser julgadas pelos seus resultados.

O governo britânico começou esta guerra com um ar de sincera compaixão pela Alemanha. Também creu, ou pelo menos afectou crer, que entrava nesta guerra por um motivo que se referia apenas a um ponto de honra. Desejaríamos saber se o Governo ainda não se convenceu de que estamos lutando pela nossa existência num combate cujo termo ninguém pode prever.

Se consagrarmos à luta todo o nosso coração e toda a nossa alma, todo o nosso valor e todos os nossos homens, poderemos vencer a Alemanha; de contrário a Alemanha poderá derrotar-nos.

A situação é esta.

Ouvimos muito falar vagamente de um termo abstracto chamado «militarismo», como se algumas pessoas ainda imaginassem que os alemães são uma nação de cordeiros levados ao matadouro contra sua vontade por uma casta militar. Isto é uma fábula anterior à guerra, que os acontecimentos refutaram radical e completamente.»

3 de Outubro de 1916 - nº 3077

Vamos para a Guerra

«Transcrevemos da *Carta de Vianna* para o *Primeiro de Janeiro*:

“... Dizem-nos que a preparação do Corpo Expedicionário em Tancos será de cerca de um mês, seguindo depois para França, onde terá ainda mais larga preparação, a fim de poder colaborar com o exército inglês, para o que lhe está destinado um sector de cerca de 25 quilómetros. O corpo expedicionário será, aproximadamente de 60 mil homens. Os uniformes dos oficiais e praças será excepto na gola, igual ao dos exércitos inglês e francês, de mescla cinzenta, e com bolsos em forma de trapézio, destinados ao transporte de bombas, pois as nossas tropas vão ser exercitadas no arremesso desta nova arma de guerra.”

10 de Outubro de 1916 – nº 3080

A partida do regimento d' Infantaria 20

“Apesar das notícias dadas pelos jornais de Lisboa e Porto, noticiando já a partida de nosso regimento e grandes manifestações só hoje foi a sua retirada.

À hora a que escrevemos, passam sob as janelas da nossa redacção mil e tantos homens que devidamente equipados e com a galhardia que caracteriza todo o soldado português marcham para onde o dever os obriga.

Vão a pé até Famalicão devendo ali embarcar em direcção a Tancos. O percurso e as janelas vêem-se apinhadas do povo, algum do qual chora convulsivamente ao trocar os últimos adeus com os que partem.

Ali vão centenas de braços roubados à agricultura, ao comércio e à indústria! Vimos misturados com o rústico lavrador do campo, o esbelto estudante, o esperançoso médico e um padre...

Vão... onde o dever os chama!

Oxalá este sacrifício seja, não mui distante, coroado dos mais brilhantes sucessos.

Vêem-se mães com o coração alanceado pela mais pungente dor, lançar a benção a seus filhos!

Vêem-se pessoas de família que trocam os últimos adeus!

Os soldados que marcham sob o comando do major sr. Araújo, iam com bom aspecto e marchavam com galhardia, embora a muitos se lhe vissem os olhos cheios de lágrimas.

Que Deus os proteja e que quando regressem venham cobertos de louros e com os troféus da vitória.

Todas as fábricas e oficinas encerraram, de tarde, a sua laboração pelo que os operários acorreram em massa a despedir-se dos briosos rapazes.

Também aqui afluiu grande quantidade de povo das freguesias circunvizinhas, na sua maior parte, famílias dos que partiram.

Até Famalicão seguiu bastante povo em veículos, automóveis e bicicletas».

27 de Outubro de 1916 - nº 3084

Iremos bater-nos!

«Ouvem-se a cada passo os maus patriotas e os maus portugueses exclamar: não vamos para a guerra!

A essa formal exclamação expõe o brilhante jornalista Joaquim Leitão, na *Liberdade*, este formalíssimo... desmentido:

“Sobre a participação de Portugal na guerra, posso garantir-lhes que é absolutamente um facto, como sempre aqui o predissemos e afirmamos. Numa só coisa estivemos mal informados: era que estivesse marcada para Setembro a partida das tropas. No entanto, temos por nós o seguinte pormenor: se não tem havido a necessidade de transformar a unidade binária das nossas divisões, em unidades ternárias, para corresponderem à organização dos exércitos aliados, as tropas portuguesas já teriam partido.

Não está ainda marcada a data para a partida. Mas asseguro-lhes que só se a guerra acabasse de um dia para o outro é que os soldados portugueses não iriam para os campos de batalha da Europa.

Vão!”

- Quer-nos parecer isso mesmo. E quer-nos parecer porque, quem mais mostras dá de querer ir, é o próprio Exército Português. Deve ter razão o distinto escritor».

30 de Janeiro de 1917 - nº 3105

A nossa participação na Guerra

«Trechos de um excelente artigo do nosso distinto colega, *O Dia*:

“O que se quer saber é quais foram as exigências feitas pela Inglaterra a Portugal por efeito e nos termos dessa aliança, desde que ela entrou na guerra europeia. Evidentemente e salvaguardados os primeiros deveres da nossa defesa nacional – militar e económica – nós teríamos de prestar à Inglaterra todo o concurso legitimamente requisitado e de que fizesse depender a continuação da secular aliança que une os dois povos.

De não se fazer a declaração de neutralidade até à prática do que se tem visto desde a primeira sessão histórica de 7 de Agosto de 1914, a distância, porém, é muito grande.

Assuma quem assim procedeu toda a responsabilidade perante a História.

Mas não tenhamos nem aceitemos no que se fez, a mínima parcela dessa responsabilidade.

- A nossa participação militar na grande guerra cabia inteira e absoluta responsabilidade aos governos da República. A eles, e só a eles, cabem os louros do facto consumado”.

22 de Maio de 1917 - nº 3133

Pelos que partem...

O 2º Batalhão de Infantaria 20 a caminho da França – Na procissão de S. Sebastião, implorando a Paz, incorporaram-se milhares de pessoas. A missa de ontem na Colegiada. A distribuição de terços e medalhas aos soldados que partem. A festa da Flor rende cerca de três contos de reis. À partida, hoje, do 2º Batalhão de Infantaria 20 assistem umas 20 mil pessoas.

«Não podia a nossa amada e catolicíssima Guimarães ficar indiferente à partida do 2º Batalhão de Infantaria 20 que seguiu, hoje, para a França.

Quisemos ter espaço para descrever minuciosamente as manifestações de fé levadas a efeito nestes últimos dias.

Confirmaram elas as tradições gloriosíssimas da nossa terra, os sentimentos nobres do nosso povo – deste bom e crente povo do Minho!

As senhoras de Guimarães, como sempre, foram a alma mater de todas essas manifestações.

Quer encorajando os que partiam, quer enxugando lágrimas de tantos e tantos que sofrem, quer acompanhando, debaixo de uma importante chuva, a procissão do mártir S. Sebastião, quer distribuindo veneras e terços aos centenares, quer colocando a flor, quer ainda na hora da despedida, com o sorriso nos lábios e o luto na alma, nós vimos-las, sempre, em toda a parte, numa azáfama constante..

Benditas sejas!

Em todas as igrejas tem havido exercícios religiosos que têm sido largamente concorridos, especialmente por militares.

No domingo, transacto, presenciámos um quadro surpreendente e belo!

Milhares e milhares de fiéis, em que predominava a nossa primeira elite, vestindo quase na sua totalidade rigoroso luto, acompanharam em piedosa romagem, rezando, o Mártir S. Sebastião.

Nem a chuva impertinente que por completo os encharcava, nem mesmo a romaria de S. Torcato, diminuiu a concorrência!

Mancebos cheios de vida, militares, aldeãos – acompanharam a milagrosa imagem de S. Sebastião implorando a Paz e a protecção para 1200 homens que hoje partiram em direcção a França.

No fim, o Reverendo pároco de Cepães prendeu a atenção do auditório que, no meio do mais religioso silêncio, escutou a sua patriótica oração.

*

Ontem, pelas 8 horas da manhã, na vastíssima igreja da nossa Colegiada, um grupo de distintas senhoras mandou rezar uma missa pela vitória das armas portuguesas.

A igreja, que é espaçosa, estava literalmente cheia, predominando na sua maioria o elemento militar. Vimos ali desde o simples soldado ao mais graduado oficial.

Terminada a missa subiu ao púlpito o ilustre Tenente Capelão de Infantaria 18. Não podemos dar um leve reflexo do que foi a sua bela peça oratória.

Toda baseada em factos históricos, a sua palavra, que é arrebatadora e vibrante, ecoa por todo o templo, como um clarim chamando ao cumprimento do dever, pede-lhes que não percam a fé que nos salva e nos há-de dar a vitória. De tal maneira falou ao coração do militar e da assistência, que por largos momentos, se vêem todos os olhos marejados de lágrimas, todos os peitos soluçando!...

No final, piedosas mãos de senhoras vimaranenses distribuem pelos militares centenas de medalhas, veneras e terços, que avidamente são disputados.

Desde o oficial mais graduado ao mais humilde soldado, não há nenhum que não queira colocar sob a sua farda esse símbolo de fé e de crença...

Dezenas de senhoras, em constantes vai-e-vem se conservam nessa distribuição até às 11 horas da manhã, chegando por completo a esgotar-se tudo. Foi preciso telegrafar para que mais viessem.

Assistimos a essa distribuição e podemos afirmar, sem receio de sermos desmentidos, que o soldado português é católico convicto.

A alguns dos mais retardados que não foi possível conseguir todos os emblemas, vimo-los pedir com lágrimas nos olhos e a fé no coração...

Mais tarde, e a alguns na hora da partida, foram-lhe distribuídas mais.

Centenares deles se abeiraram da mesa sagrada da comunhão, assim como os vimos, na sua maior parte, de joelhos, com os terços que lhe foram ofertados, rezar à Padroeira da Cidade.

Esta manifestação de fé, levada a efeito no formoso templo de Nossa Senhora da Oliveira, foi – di-lo toda a gente – imponentíssima! Como acima dizemos, a ela assistiram, além de todos os oficiais de Infantaria 20, de sargentos e de cabos, muitos centenares de soldados.

Uma grandiosíssima manifestação de Crença e de Fé! Um eloquentíssimo testemunho da religiosidade do nosso povo – do nosso Exército!

*

Ontem, foi também o dia consagrado à «Venda da Flor». Gentilíssimas damas da nossa terra se distribuíram pela Cidade angariando meios para socorrer as vítimas da guerra. Começaram às 11 horas da manhã e terminaram às 7 da tarde.

A contagem do dinheiro recebido foi feita na conceituada casa bancária Sousa Júnior. Apuraram-se dois contos setecentos e tantos mil réis.

Nesta quantia estão incluídos duzentos e tantos mil réis, produto da «Venda da Flor» na romaria pequena de S. Torcato. Falta ainda a «Venda da Flor» nas povoações suburbanas.

As gentis vendeuses foram alvo dos carinhos da população vimaranense, que as recebeu fidalgamente.

*

Finalmente, hoje, seguiu, em dois comboios, o 2º Batalhão de Infantaria 20 na força de 1200 praças. Comandava-o o major Snr. José António de Araújo Júnior. À sua partida assistiu o Snr. General Comandante da Divisão. Ouvimos dizer que Sua Exa. ficara impressionado pela ordem e pela disciplina que observou.

A partida desses 1200 homens, na sua quase totalidade tirados à lavoura, ao comércio e à indústria, como era de esperar, encheu de emoção a cidade de Afonso Henriques.

Durante, horas e horas, Guimarães parecia mergulhada nas trevas de um grande luto, de uma grande dor!

Para cima de 20 mil pessoas assistiram à partida de mais esses 1200 portugueses.

Mulheres com os filhinhos ao colo, pais, irmãos, parentes, amigos choravam copiosamente a partida de tantos braços, de tantas vidas, de tantos seres amados e queridos...

Oficiais, sargentos, cabos e soldados choravam também comividamente...

Não é fácil descrever o espectáculo presenciado. Espectáculo triste que muitas vezes mais vale a ele não assistir...»

29 de Maio de 1917 - nº 3135

O Sangue Português

“... Com certeza a luta que está em curso exige e exigirá grandes sacrifícios de ouro e de sangue a Portugal. Portugal não pode oferecer muito ouro, mas ele verterá muito do seu sangue, tão generoso. O exército que foi confiado ao general Tamagnini de Abreu manterá constantemente a sua linha e o seu efectivo, aumentará, se os acontecimentos exigirem.”

(De um artigo publicado no *Petit Journal* e transcrito pela democrática *Manhã*)

8 de Junho de 1917 - nº 3138

Os portugueses no «front»

«O antigo prisioneiro político, Reverendo Avelino de Figueiredo, actualmente capelão militar do Corpo Expedicionário Português que está combatendo em França, acaba de enviar uma interessantíssima carta ao nosso prezadíssimo colega *O Dia*. Dela recortamos os seguintes períodos que bastam para afirmar a fé religiosa dos nossos soldados do Exército Português:

“No dia imediato houve missa campal, a que assistiu artilharia e infantaria 34. Chovia imenso. Os soldados fizeram um abrigo com a lona das tendas de campanha para o altar. Antes da missa avisei-os de que podiam estar com os capacetes, porque o tempo não permitia que estivessem em cabelo: mas nem um soldado ou oficial ficou coberto!!

Todos assistiram à missa e ao pequeno sermão!

A chuva era constante e impertinente e os meus queridos soldados descobertos no meio do mais profundo e impressionante silêncio.

Segue a missa. A certa altura ouço-os rezar em voz alta. Pediam ao Deus dos Exércitos pela vitória das nossas armas, pela alma e eterno descanso daqueles que morram no campo da honra e pela saúde de suas famílias! Eu estava comovidíssimo. A custo conservava a serenidade e retinha as lágrimas.

A missa está na parte mais impressionante: é a consagração.

Uma voz canta com doçura angelical o Bendito... Não lhe posso descrever o que foi a minha impressão. Não teria palavras para a relatar. Sinto-a ainda hoje, e recordá-la-ia 100 anos, se tantos tivesse de vida.

Meu caro amigo, bendita a hora em que me dispus ao sacrifício da minha vida e do meu sossego por soldados tão bons.

No fim do acto, fiz a distribuição de centenas de insígnias religiosas, que calculava chegarem para 15 dias e que não chegaram para 15 minutos!

Falei-lhes do valor do soldado português, do nosso País, que era mais uma vez necessário honrar, dos nossos deveres cívicos e religiosos, até que terminou a pequena devoção.

Centenas de risos confiantes na vitória das nossas armas e ditos alegres foram e constituíram os últimos momentos daquela manhã enternecedora”.

*

Também *O Dia* publicou estes trechos de uma carta de um jovem oficial em serviço de campanha no norte de França e dirigida a seus pais, - carta que tem o visto da censura militar do C. E. P.—

“... Ontem houve missa e sermão pelo padre Avelino de Figueiredo, o famigerado, como ele espiritualmente, se nos apresentou.

A cerimónia religiosa foi celebrada na igreja da aldeia em que estamos, e o antigo conspirador comoveu-nos durante o sermão, falando-nos do País, dos pais e das famílias. Assistiram todos os oficiais, muitíssimos soldados e posso dar-lhe ainda uma nota interessante: quem ajudou à missa foi o nosso capitão”.

Estas palavras que recortamos do Jornal de Notícias, do Porto, eloquentemente depõem acerca da Fé dos nossos soldados:

“Numerosos rapazes que das aldeias vieram para se incorporar nos regimentos da guarnição do Porto, entraram, a semana passada, no mercado do Anjo, e de barraca em barraca, de regaço em regaço, andaram pedindo – que lhes dessem flores, muitas flores, e dali saíram em romagem para a vizinha igreja dos Clérigos. Pé ante pé, caladamente, entraram no templo, e sagradamente, depositaram os seus ramos no altar de Nossa Senhora, saindo, delicadamente, como entraram”.

12 de Junho de 1917 - nº 3139

Os horrores da Guerra

«São do nosso presadíssimo colega, Comercio do Porto, estas linhas: Perto do «front»

De um distinto oficial de engenharia, que está perto do front recebemos as seguintes e interessantes impressões do que ali se passa:

Desde 6 do corrente que me encontro estacionado a um excelente acampamento de barracas de madeira, tendo os oficiais, quartos em dois pequenos chalets de madeira também, que me lembram as casas do polígono de Tancos. Aqui chegamos ao fim de umas 60 horas de viagem em caminho de ferro. Temos bastantes comodidades. Os leitos são quatro pranchões em rectângulo com um colchão feito de rede de arame. Estamos a uns 40 quilómetros da primeira linha, mas ouvimos perfeitamente o troar da artilharia pesada e vemos o relampejar das granadas e dos foguetões iluminados. Todos os dias e a todas as horas passam-nos sobre a cabeça esquadrilhas de aeroplanos e já por duas vezes vi combates entre eles. Estamos a trabalhar em caminhos de ferro, a duas horas de comboio do local do acampamento.

Em torno deste ainda há várias povoações em regular estado de conservação, mas junto do local do trabalho as povoações arrasadas desapareceram. Tijolos partidos, uma ombreira de cantaria, uma tabuleta de madeira pintada a branco e com um letreiro a preto atestam o local onde eles existiram. A devastação é completa. Um enorme cataclismo parece ter abalado essas regiões, Por todos os lados não se vê uma casa; as árvores pulverizadas só delas restam côtos mortos, rentes ao chão; os campos, talados, são vastos cemitérios. Por toda a parte cruces de madeira de caixotes, armas partidas, equipamentos desfeitos, pernas saídas do chão com grevas e botas, ossadas e crânios meio desfeitos atestam o horror da guerra. População civil quase não há e pareceria um deserto, se não fosse a existência de inúmeros acampamentos de barracas de madeira ou de chapa de ferro canelada, muitos deles cobertos ainda por sacos de terra.

O terreno está cortado de trincheiras em todas as direcções; mostra inúmeros abrigos.

Fora disto, os funis das granadas apresentam-se em tal número que com tão extraordinária regularidade, que me dão ideia de uma defesa de enormes covas de lobo, feitas prepositadamente, e não provenientes apenas da queda dos projectéis. No local onde estamos alojados estamos em relativa segurança, apesar de ainda há dias o jantar ser acompanhado com explosões de bombas de algum avião”».

22 de Junho de 1917 - nº 3141**No «front». As nossas baixas**

«Se é exata a informação que o ministério da guerra forneceu à imprensa, as nossas perdas em França, num combate há dias travado, são como seguem:

34 mortos

185 feridos

15 desaparecidos

Dá um total de 234 homens fora de combate.

Entre os mortos – diz a nota oficiosa – figuram dois oficiais».

26 de Junho de 1917 - nº 3142**Soldados Portugueses**

«Lá em terras de França, os nossos soldados – os morenos soldados lusitanos – tombam como os lírios dos valados, d' arma nas mãos, a frente incendiada...

Uma Civilização equívoca trás a Humanidade num tresloucamento de sangue, numa cupidez de assoberbamento infrene.

E a flor da nossa raça – moços cheios de vida e de seiva, braços robustos que arroteavam os campos benditos de Portugal – lá anda também pagando o seu tributo de sacrifício supremo,

(espaço em branco, texto cortado pela censura)

No tempo em que as searas têm ondulações de ouro e os arados fulgurações de prata; em que as veigas se enchem de sol e a atmosfera se impregna de perfume, fenecem exangues, violentamente, os filhos queridos deste povo de santos e heróis!

(espaço em branco, texto cortado pela censura)

Os valentes do Vimieiro e de Torres Vedras – poderão cair como botões de rosa levados pelo vendaval, mas não arredarão pé antes que a sua honra seja salvaguardada e o seu heroísmo os torne dignos do nosso Passado de epopeias.

Dia a dia nos vêm chegando notícias bordadas de enternecimento e de beleza, dessas paragens estranhas, onde o sangue do nosso exército, já tem manado, generoso e abundante.

O soldado lusitano, de cuja alma alguns portugueses degenerados pretendem arrancar a crença vivida de seus maiores, não se esquece – bem haja! – de que este templo majestoso, que se chama Portugal, foi argamassado com sangue de gigantes e tem os seus alicerces nos átrios duma Cruz.

Antes de entrar em combate, ele ajoelha, sem pejo e reverente, aos pés do seu capelão, mune-se de terços e medalhas, engrinalda os altares improvisados com ramalhetes de flores e, só depois, caminha, sereno e altivo, para a morte. É a fé e o patriotismo.

Sobejam os factos comprovativos, em toda a parte, desta aliança completa da Cruz com a espada.

A Bélgica católica teve lances de heroísmo que assombraram o mundo; aquele povo caiu, mas caiu de pé: depois de exaustas as suas forças e sublimizada a sua dignidade. É a Fé e o patriotismo.

Na França são os religiosos condecorados como heróis, jesuítas e Irmãs da Caridade exemplos de abnegação e de sacrifício; por toda a parte os católicos a baterem-se epicamente. É a Fé e o patriotismo.

Dos cinzelados arquitectónicos da Batalha surgir-nos-á a figura do Santo Condestável, o Frei Nuno de Santa Maria, que foi esconder a sua malha de combatente sob a estamena do monge; e que enquanto os seus pelejavam, ele ajoelhava, orando, nos plainos de Valverde. Como Joana d' Arc está guiando ainda hoje os leões de França, assim Nun' Alvares há-de aparecer em nuvens de ouro, vestido de ferro e ameaçador, aos nossos bons soldados, durante as suas arremetidas indómitas. É a Fé e o patriotismo.

Encontraremos depois o Infante D. Henrique, apontando para Sagres e trazendo ao peito a cruz dos Templários. É a Fé e o patriotismo.

D. Fernando, o Infante Santo, nas masmorras de Fez, desfiando um rosário e escrevendo ao seu rei e irmão: «não cedas a praça, que tanto sangue nos custou, a troco da minha vida». É a Fé e o patriotismo.

Chegados ao Cabo das Tormentas, levantar-se-á do seio das vagas o vulto horrendo do Adamastor, trazendo sobre os seus ombros mastodônticos a figura veneranda e heróica de Vasco da Gama apontando com uma mão para Calecut e, com a outra para a cruz do pano branco das suas caravelas. É a Fé e o patriotismo.

Em 1640, encontraremos D. Filipa de Vilhena armando cavaleiros os próprios filhos e recomendando-lhes: «combatei por Deus e pela Pátria». É a Fé e o Patriotismo.

Sem nos querermos alongar mais, eis aí, no que se está passando presentemente e em todo esse Passado de maravilhas e de prodígios inconcebíveis, a resposta mais categórica e eloquente que poderia dar-se aos que pretendem incompatibilizar o catolicismo como o amor pátrio.

Lá em terras de França, os nossos soldados – os morenos soldados lusitanos – tombam como os lírios dos valados...

Levando as mãos ao peito rasgado, como querendo sustar as golfadas de sangue, levantam ao céu o olhar numa derradeira esperança, fanam-se com o sorriso nos lábios esmaecidos.

Sangue bendito, que há-de frutificar numa nova era de regeneração, e virá reatar a continuidade das nossas tradições gloriosas».

ADRIFER

Portugueses no «front»

Le Telegramme, jornal de Pas de Calais, escreve referindo-se às tropas portuguesas que no domingo do Espírito Santo assistiram a uma missa na igreja daquela cidade:

“Acabada a missa a multidão dos soldados desfila, silenciosa e interminável. Ao saírem estes homens que parecem felizes por terem cumprido o seu dever religioso, dirigem um olhar de ternura e orgulho à bandeira de Portugal, que se desdobra sobre a porta, ao lado da nossa tricolor. E estes corajosos mancebos julgam sorrir a Pátria distante...”

10 de Julho de 1917 - nº 3145

«Discursando sir Norton de Mattos, há dias, no Parlamento, disse:

- Que estão em França, a combater, 40:000 soldados portugueses.

- Que se encontram nas colónias 45:000 homens.

- Que temos de manter na Metrópole, um contingente efectivo de 40:000 homens.

- Que para mantermos o efectivo de 53: 000 soldados em terras de França (e temos de mantê-lo!) ser-nos-á necessário mandar, cada mês, 4: 000 homens.

E entramos na guerra... voluntariamente como há dias afirmavam os ingleses nas suas gazetas!

- Tal é o sacrifício que a república impõe, nesta hora, a Portugal».

17 de Agosto de 1917 - nº 3155

«No 2º Tribunal Militar de Santa Clara respondeu Victor de Meneses, tipógrafo em Lisboa, arguido de em 28 de Maio findo, quando passava na Praça Luís de Camões, o contingente de Infantaria 1 ter proferido as seguintes palavras dirigindo-se aos militares: «Aí vai um bando de carneiros. Vão para França às ordens de Afonso Costa.»

Iniciados os debates, o tenente-coronel Snr. Coutinho proferiu um brilhantíssimo discurso que fez com que o júri absolvesse o acusado»

(Dos jornais)

É caso para se dizer que se há juízes em Berlim... Em Portugal ainda há caracteres!»

24 de Agosto de 1917 - nº 3157

Nos campos de Batalha

«A *Ordem*, de Lisboa, em artigo há dias publicado, narrava um comovente acto de abnegação recentemente praticado em França por um dos capelães militares que acompanham o Corpo Expedicionário Português.

Tratava-se de operar um português que caíra ferido no campo de batalha. A *Ordem* conta assim o acto nobilíssimo desse jazuíta e reaccionário português:

“Numa das dependências hospitalares da instalação sanitária a que nos referimos, os médicos haviam pronunciado a sentença definitiva: -«O enfermo morre se não se operar uma transfusão de sangue.

E depois pergunta: «haverá entre o pessoal alguém que queira prestar-se ao sacrificio do seu sangue?»

Na sala fez-se um grande silêncio.

Eu creio bem que alguns dos presentes desejariam dar o sangue que lhes pedia a ciência. Mas... a reflexão sobre os inconvenientes da operação, os seus perigos, etc, devem ter esfreado essas boas intenções inspiradas por sentimentos humanitários, posto que... naturais.

Súbito o gelo desfez-se: alguém avançava para os médicos, alguém, para quem certos elementos olhavam até ali como um factor pouco útil.

Com simplicidade, esse homem disse apenas: quando os senhores quiserem: estou pronto a dar o meu sangue!»

A surpresa foi enorme e foi dupla. Primeiro, pela maneira nobre e simples como aquele português consentia no sacrifício; segundo porque aquele que se revelava bruscamente aos olhos dos maiores incrédulos, como um grande coração era... o capelão da unidade, o Reverendo Bernardino pároco de Moledo.

Não chegou a realizar-se a transfusão de sangue, porque o doente faleceu quando tudo estava já pronto para a operação, mas isto não tira um ápice ao significado e ao valor do sacrifício feito. E tanto assim que o Reverendo Capelão foi louvado pelo seu superior militar.”

- Eis um exemplo que muito honra o clero português.

As lamparinas da grei maçónica, que nos conste, alusão alguma fizeram até agora a este acto nobilíssimo. Têm passado o tempo a enxovalhar e a caluniar os capelães portugueses, que, sem nunca terem andado a dar vivas à guerra ou em manifestações à Servia ou à Rússia, nobremente se ofereceram para acompanhar o Corpo Expedicionário Português logo que da sua partida para terras de França tiveram conhecimento.

O Snr. Braga da Justiça ainda há poucos dias se referiu no parlamento aos crimes e às especulações torpes que os católicos têm cometido nos campos de batalha.

Queria-se naturalmente o Snr. Braga referir a este nobilíssimo exemplo do pároco de Moledo... oferecendo o seu sangue para salvar um moribundo!

Abençoados crimes!

Abençoadas especulações!

... Desses crimes e dessas especulações é que não é capaz o Snr. Braga da Justiça nem os demais amigos da Sérvia e da Rússia.

Isso sim!»

4 de Setembro de 1917 - nº 3160

Os paisanos na Guerra

«A Carta de Lisboa» do Notícias de 1 do corrente merece ser transcrita. Acharo-la tão sensata e tão poderosa de lógica que lhe damos este lugar e aplaudimos calorosamente:

“É grande o número de oficiais milicianos que têm partido para França, e não é pequeno o número de oficiais do Exército, que ainda não saíram de Portugal.

Francamente não compreendo como isto sucede. A meu ver nem um só oficial de artilharia, cavalaria e infantaria devia partir para a guerra, enquanto houvesse oficiais, até capitães, de estas três armas, porque estes escolheram a carreira militar e aqueles não a quiseram seguir.

Realmente não faz sentido que se estejam batendo advogados, professores, comerciantes, empregados de escritório e outros paisanos, hoje militares à força, e estejam comodamente em serviço de comissões ou de quartel aqueles que se educaram para a guerra e têm por dever sustentá-la, logo que a sua nação se torne beligerante.

Esses próprios oficiais, sem dúvida ao abrigo de uma escala, que não permitiu ainda o seu chamamento, são os primeiros a ver com tristeza que outros fora da sua classe vão suportar incómodos, fazer sacrifícios e correr riscos, a que se sujeitam por uma obrigação definida e vital da sua carreira, e que lhes competia sofrê-los. Percebe-se, sim, que se preparem oficiais milicianos, mas para irem substituir os do Exército nos regimentos donde estes foram tirados com destino a França, e só indo juntar-se-lhes quando não haja mais nenhum efectivo na respectiva arma. O contrário é que sai fora da lógica e dos princípios de justiça.

Hoje, em França, a lei conhecida por lei Maurier, porque foi o deputado dr. Maurier quem há pouco apresentou o projecto ao Parlamento e lhe arrancou a sua votação, obriga todos os oficiais do Exército activo com menos de quarenta anos e que desde Agosto de 1914 não tenham servido um ano, pelo menos, numa unidade combatente, a serem no prazo de três meses, incorporados numa formação de primeira linha.

E esta lei encerra um tal princípio de igualdade e tão grande fundo de moral, que facilmente foi arrancada ao Parlamento. O senado votou-a por unanimidade.

Além de pôr o oficial efectivo no seu lugar de honra, não deixando que o substituam por um civil senão em último recurso, evita que, finda a guerra, possa estabelecer-se em toda a família militar e principalmente nos regimentos, uma certa rivalidade, e talvez mais do que rivalidade entre os oficiais que se bateram e os oficiais que não se bateram, criando prestígio e inferioridades de perigo igual.

O militar fez-se para a guerra e desde que ela existe, não assenta bem que o seu lugar seja ocupado por quem da guerra tratou de se afastar, tomando outros compromissos para com a sua Pátria. É por ventura, justo que um industrial seja arrancado da direcção da sua indústria, um professor do seu ensino e um comerciante do seu negócio para irem arriscar a vida nas trincheiras, e fique nos quartéis, nas secretarias ou em serviços especiais, quem por dever, para lá devia marchar? Creio que não há hesitação na resposta”.

...

E acima de tudo não se compreende que um oficial esteja descansadamente em sua casa, enquanto um civil o substitui no posto de honra e de perigo».

A Guerra – Quando e como acaba?

Como se sabe, uma missão norte-americana, presidida pelo General Pershing, esteve no front franco-belga, cerca de um mês, e as suas observações feitas nas proximidades da luta, produziram na América a maior das sensações.

Essa missão declarou que a linha alemã de Oeste é inexpugnável e só com um esforço titânico dos Estados- Unidos poderá romper-se.

Actualmente, cinco milhões de soldados ingleses e franceses se encontram ali, fazendo frente a três milhões de alemães; mas por detrás deste número há mais dois milhões e meio de reserva em 3ª linha.

O exército alemão foi mais forte em 1915 do que em 1914, mais valoroso em 1916 do que em 1915, e hoje mais forte do que nunca.

O número actual de recrutas na Alemanha é de cerca de um milhão e esta cifra não diminuirá dentro de 15 anos pelo menos.

Afirma a mesma missão que, com a posse da Bélgica, Roméria, Sérvia, Polónia, Montenegro e as possessões russas do Báltico, os impérios centrais tem importantes previsões alimentícias, e todo o necessário carvão, ferro e petróleo. Que a guerra pode continuar 10 anos em análogas condições das actuais, de forma que nem uns nem outros beligerantes serão vencidos.

O jornal donde traduzimos estas interessantes notas com carácter oficioso, diz que a paz se impõe, porque a não fazer-se a guerra seguirá e as dificuldades aumentarão, sem que de tantos sacrifícios feitos qualquer vantagem advenha para o mundo.

Também não deixa de ser interessante esta conclusão de um escritor norte-americano: «Se os velhos povos da Europa querem realizar as suas ambições, aniquilando-se, que se aniquilem sós, mas que não pensem em esperar da América o auxílio para a realização dos apetites não saciados».

Como se vê, não são os americanos a consoladora esperança».

(«Notícias de Vianna»)

4 de Dezembro de 1917 - nº 3185

«Ninguém ousa duvidar do aliadofilismo da gazeta do Snr. Tonio Zé, a «Republica».

E precisamente por ninguém ousar duvidar das suas ideias francamente, entusiasticamente aliadofilas, é que nós vamos transcrever estes períodos do seu artigo «Hora grave», de quinta-feira.

Se esses períodos fossem da nossa autoria, não faltaria quem nos apontasse como germanófilos e, portanto, vendidos ao ouro dos alemães.

É mesmo provável que nos expulsassem do território português por traidores, como há dias sucedeu aos nossos intemeratos colegas do «Liberal». Mas como em Portugal só os republicanos da «União Sagrada» (Democráticos e Evolucionistas) são patriotas, - cremos que transcrevendo estes períodos da gazeta Evolucionista, nem nos suspenderão o periódico, nem nos apontarão com o exílio:

“Não há dúvida que, para os aliados, a hora que passa é uma hora grave. Não tem vantagens nhumas ocultá-lo. Pelo contrário.

O que é necessário é que isto se diga e se repita constantemente para todos os que estão empenhados na grande luta e que a e têm de dar o seu esforço material ou a sua solidariedade moral se compenetrarem, cada vez mais, da necessidade de vencer.

A hora é grave. Os recentes desastres italianos e a anarquia russa vieram prejudicar consideravelmente a acção dos aliados. Por outro lado, a lamentável falta de unidade que tem havido por parte da Inglaterra, da França e da Itália nas operações de guerra e que Lloyd George ainda há pouco verberou, numa das suas notabilíssimas orações, contribuiu muito para o fracasso de uma acção conjunta, que devia ser, desde o primeiro momento, rápida, eficaz, formidável, fulminante.

Sobre Veneza paira já a ameaça da invasão. Nas ruas ensanguentadas de Petrogrado, os soldados russos gastam as energias que deviam guardar para o «front», para a defesa sagrada da Pátria.

E enquanto liberto do «knut» infamante, embriaga de liberdade, o russo perde momentaneamente a noção de Pátria e nos «soviets» domina a eloquência dos agentes alemães, os inimigos desguarnecem a frente oriental e volta sobre a Itália as suas forças. Este é talvez o período mais grave da guerra.

Para quê ocultá-lo? Não foi Clemenciau, o chefe eminente do Governo francês que ainda há dois dias disse no Parlamento que a Rússia estava em decomposição?

Não é Lloyd George, o grande político inglês o primeiro a lamentar a falta de unidade que até aqui, tem havido na acção dos aliados?

Não lemos todos os dias no «Temps» e noutros jornais de reputação mundial as mais severas críticas aos «erros da guerra» e as piores impressões sobre a situação?

Nada se lucra em ocultar a gravidade da situação. Nada se ganha em ocultar que atravessamos o período mais terrível da grande guerra. A hora é indubitavelmente gravíssima. A Alemanha estava armada até aos dentes para a guerra que ninguém esperava, com que ninguém contava, de que todos se riem».

26 de Março de 1918 - n.º 3213

Dos campos de batalha

«Um horror!

Desembarcaram há dias em Lisboa, vindos dos campos de Batalha da França 560 soldados!

Na curta viagem de Brest a Lisboa, três desses soldados (a quem nem um só médico acompanhou!!!) morreram, sendo lançados ao mar.

Dos 560 repatriados vinham 14 alienados e, entre eles, dois oficiais, 11 mutilados e 350 tuberculosos.

... E diz-se que o Governo não tem base para julgar o snr. Afonso Costa!

Mas voltando ao caso: como é que o actual Governo, a que preside o Snr. Sidónio Pais, permite que sejam metidos num barco 560 soldados, - tuberculosos uns, alienados outros, e outros ainda recentemente operados -, sem que um médico, um só ao menos, os acompanhasse?

Mas há mais: nem assistência médica, - nem assistência religiosa!

Nem um só capelão acompanhou esses 560 infelizes... inutilizados para sempre em nome da Liberdade, do Direito e da Civilização! Os três soldados que morreram pelo caminho, e a quem não foi possível prestar socorros médicos -, lá foram lançados ao mar sem que também na agonia tivessem os socorros da Igreja.

E é isto: embarcaram como carneiros... e morreram como os cães!»

20 de Abril de 1918 - n.º 3219

A Grande Conflagração – Notas d' um cronista

«Quando todos menos esperavam, os alemães, embora continuando com a sua insistente pressão na zona Montdidier-Noyon Lassigny sobre Compiégne, atiraram agora uma estocada violenta sobre o sector que vai de Benhune-La Bissée ao sul, a Armentières e Yprés ao norte – quer dizer, muito para cima de Airas e em plena Flandres, levando como directriz evidente a linha Aire-Saint Omer – Boulogne e Calais.

Coube a vez às nossas tropas do C.E.P. de serem duramente apalçadas pelos alemães que, pelas últimas notícias estão já de posse de Lavantie, Saint-Vaste e quase conquistaram Messines, que já fica em sector inglês.

Os alemães dizem que tomaram 100 canhões e que fizeram 20 000 prisioneiros.

É possível: Quem vai à guerra dá e leva e não há nisso nem vergonha nem desonra.

Antes pelo contrário!

Alguma parte nossa lá deve ter ficado estendida para honrar o nome de Portugal. Que Deus tenha as suas obras em Sua Santa Guarda e que as memórias dos que lá ficaram vivam eternamente em nossos corações!

Di-lo com toda a emoção quem aos que se estão batendo lá longe vota um culto muito particular e muito sentido. Culto duplamente sentido: porque diz respeito a soldados que caem no seu posto e porque o inspira essa pobre gente tão caluniada e tão desprezada por quem os fez embarcar na Grande Aventura em que se vêem. Pobre e brava gente!

Mas souberam provar que muito embora sem sólida preparação militar sabiam levar até à última o cumprimento do seu dever militar, como jamais o souberam os aventureiros de má morte, que, ali os iam meter, à guisa de carneiros, entre dois taipais, nos cais de Alcântara.

E se é doloroso para a nossa alma saber que lá ficou gente portuguesa, por outro lado sente-se uma inteira consolação ao lerem-se as palavras de justiça que lhe dedicam tanto franceses, como ingleses. Altamente consolador!

E tantos deles, deveio ser d' esses oficiais que os bandidos escarraram em Santarém e na gare de Campolide para depois virem dizer com ares superiores: «que haviam de ir para França mesmo que fossem encaixotados».

Tratantes! E eles a ficarem por cá, aguentando os que dispunham disto como se fosse seu...

Sempre tivemos a opinião que hoje temos sobre o comportamento da nossa gente em França.

E porque não haviam esses oficiais e esses soldados de se portarem bem?

A relutância em ir para a guerra e que era geral em todo o Exército e em todo o País, jamais significou cobardia ou falta de brio.

O que ninguém queria era ir para a guerra sem saber porque ia. O que o Corpo de Oficiais exigia era preparação nos quadros e na tropa, sabedores como eles estavam de que se ia para coisa muito séria e que o inimigo não brincava nem às guerras.

Mas não pensavam assim os que então tinham em suas mãos os destinos de Portugal.

Mandar soldados e mais soldados, muitos oficiais, muita gente para que os Aliados vissem que os empreiteiros tinham força, muita força, tinham zelo, muito zelo, todos eles pelos aliados, pela justiça e polo direito...

Resultado: um despejar contínuo de soldadesca bisonha, com falta de preparação militar, sem uniforme quase, sem equipamentos, completamente desprovidos de tudo!

A princípio uma divisão bastava. Depois já Norton de Matos não se contentava com menos de um corpo de Exército e mais artilharia pesada para o sector inglês e mais artilharia pesada para os sectores franceses.

Um verdadeiro motu-contínuo, em suma um puro bluff!

E a Inglaterra dizia: «pois se vocês não têm recursos para uma divisão só, porque querem ainda mandar outra?»

Mas o Patrão Norton insistia e portanto como recusar? Mais gente, mais gente e mais gente: tísicos, suflíticos, arrezados, anémicos, tudo servia, tudo marchava!

Uma vergonha, um horror e um crime!

Graças a Deus, a fibra portuguesa ainda fez este último prodígio, o que vem a provar que a Raça não morre!

Mas que coesão não teriam esses homens se não temendo como foram, se não tem ido como foram, se não tem pensado honradamente em mandar homens para a guerra e não Carneiros para o matadouro?»

Saturio Pires (De a *Monarchia*)

27 de Abril de 1918 - nº 3221

O Sangue da Redenção!

Verte-se agora na Flandres o sangue redentor de Portugal!

«Que tremam de vergonha e de arrependimento aqueles que alguma vez pensaram que as Virtudes da Raça morreriam jamais! Que sintam palpitar de novo a Esperança aqueles que alguma vez descreram dos Destinos de Portugal! Não pode morrer um Povo que tem tão grandes Filhos! Portugal há-de ser grande, porque pode ser grande!

É o sangue dos soldados Portugueses o custo da Redenção! Todas as grandes obras têm mártires na sua História. Benditos os soldados portugueses, cujo sangue é o penhor da Redenção de Portugal!...

Entre tanta Dor, e tanta miséria, consola a alma ver que Portugal não desmerece do seu nome que teve pelos séculos fóra a aureola da glória a engrandece-lo!

É nas trincheiras que se encontra o gérmen do que há-de ser o Portugal futuro que essa Mocidade heróica e generosa levantará nos ombros para a glória eterna!

É nessa Mocidade que se bate e que parece com honra que nós pomos os olhos ansiosos e crente!

Eles levarão a cabo a sua obra! Eles mostrarão ao mundo inteiro que são dignos descendentes dos serranos d' Aljubarrota e dos cavaleiros d' Alcaccer.

Eles mostrarão que só sabem triunfar com Glória ou perecer com honra! A alma de Nun' Alvares Pereira vive neles, como vive neles a valentia de Viriato! Um e outro morreram! Mas a história registou os seus nomes e Portugal inteiro lembrou aqueles a quem tanto deveu! A Mocidade Portuguesa morrerá. Mas o seu sacrifício não será inútil, porque dos destroços ensanguentados da sua carne renascerá a grandeza da Pátria porque todos ansiamos, o Portugal Maior que é toda a razão da Nossa Vida!...

*

Estão de luto os peitos dos Portugueses! Está de luto a Alma da Pátria que sente na Morte dos seus Filhos o descarnar das suas entranhas! Mas é o sacrifício o acto mais solene da nossa Vida! E quando desse sacrifício bendito depende a honra e a vida de uma Pátria, todo o sangue é pouco para que o digamos mal empregado, toda a desgraça se alivia com os olhos fitos na Bandeira da Pátria!

Neste momento sagrado em que a Morte espalha sobre o Mundo as suas asas negras, está-se jogando o Futuro de Portugal, estão-se jogando os direitos de todas as nações livres. Desta enorme sangueira uma era nova sairá! Nações desaparecerão, outras perderão o seu antigo poderio. Não podia ser indiferente à sorte do mundo inteiro um Povo que foi Imenso que o mundo acrescentou de tão longínquas terras!

Estamos em guerra – levados por uma boa ou má orientação política! Mas é preciso que de tanto sacrifício algum proveito saia, que não apenas a glória de nos termos batido por palavras bonitas...

É disso que devem cuidar os dirigentes de Portugal! Se a República não tem diplomatas, se a bitola do regímen é a ignorância crassa, que se vão bucar, seja onde fôr, as competências que têm o dever de não se esquivar desde o momento que sejam bons Portugueses! O exemplo do vizinho Reino é bem para meditar! Sigam os governantes portugueses, esse caminho, se não querem ver inutilizado o ardente sangue da Mocidade Portuguesa, acarretando para sempre com o labéu de maus servidores da sua Pátria!»...

João Camilo Félix Correia

S. M. a rainha D. Amélia e as tropas portuguesas

O *Diário Nacional* publica estes períodos de uma carta particular que Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amélia enviou ao sr. Conselheiro Ayres d' Ornelas:

“Pode calcular todos os sentimentos que me encheram o coração, ao saber do terrível ataque contra a nossa gente. Foi feito ao que me disseram, com forças esmagadoras e milhares d' obuses asfixiantes – tudo, enfim! As tropas portaram-se muito bem, mostrando muita coragem e graças a Deus, honraram o seu País!

Mas muito sofreram, e corta o coração pensar nestes bons e valentes rapazes – na angústia ou na dor de tantas famílias. E nada ou quase nada podermos, nem para os pobres feridos! Poucas vezes senti mais duramente o peso do Exílio e da cruel inacção!”

Palavras nobilíssimas e que traduzem bem a magna que a Sua Magestade, como de resto a toda a Família Real Portuguesa, causou o revez das nossas valentes tropas».

12 de Outubro de 1918 - nº 3268

A marcha da epidemia em Guimarães

«Continuam-se dando bastantes casos de gripe bronco-pneumonica, havendo bastantes óbitos. Na cidade, mercê dos abalizados clínicos que temos, que têm sido incansáveis na extinção do terrível flagelo, há bastantes casos, mas parece que tendem a declinar, embora os óbitos tenham sido também numerosos.

Nas freguesias rurais, o mal tem alastrado imenso, havendo freguesias que quase vêem desaparecer os homens e mulheres relativamente vigorosos e fortes.

A todo o momento vemos atravessar a cidade carros de bois conduzindo doentes aos hospitais, não falando naqueles que se tratam em sua casa.

A autoridade determinou que no próximo domingo já possa haver missas e actos religiosos bem como que os cadáveres que sejam encerrados em caixão de chumbo possam ser depositados nas igrejas e tenham os responsos fúnebres».

9 de Novembro de 1918 - nº 3275

A PAZ! FOI ASSINADO O ARMISTÍCIO ENTRE A ALEMANHA E O GENERAL FOCH! VIVA PORTUGAL!

16 de Novembro de 1918 - nº 3277

«Soou, felizmente para o mundo inteiro, a hora bendita e milhares de vezes desejada da Paz! Precisamente porque essa ansiada hora chegou, outra surgiu, e grave, pois vai decidir dos destinos dos Povos e muito principalmente dos Povos pequenos como o nosso pequeno Portugal.

Hora grave sem dúvida e para a qual todos têm de preparar-se, a não ser que haja quem, desmiolado até mais não poder ser, que julgue que a Conferência da Paz será... uma coisa parecida e semelhante às nossas sessões parlamentares!

Soou para nós Portugueses, quer-nos parecer, um momento soleníssimo! Por isso mesmo, nunca, como agora, se tornou necessária a formação de um GOVERNO NACIONAL – dum governo de capacidade, de caracteres, de comprovadas e reais competências!

A hora que passa é extremamente grave para a existência e para os destinos do nosso País. Saiba o Patriotismo de todos nós impor a formação imediata, inadiável, dum governo que de pronto resolva o problema da ordem pública e nos prepare, perante a Conferência da Paz, para assegurarmos um Futuro desanuviado e feliz ao nosso amado Portugal!

A PAZ!

Também a população vimaranense vibrou de contentamento por ter sido assinado o armistício que pôs, pelo menos por agora, termo à horrível carnificina.

E como não havia o povo de Guimarães de manifestar o seu regozijo pela cessação das hostilidades se tantas vezes, quer subindo junto aos pés da Virgem da Penha, quer enchendo os templos da nossa Cidade, ergueu as mãos ao céu rogando a Deus a terminação da grande guerra?

Salvo os açambarcadores e mesmo os negociantes milicianos, que com a guerra se encheram explorando ignobilmente o público e concorrendo, com as suas milicianadas, para a espantosa subida de todos os géneros, - podemos asseverar que toda a gente recebeu a notícia da cessação das hostilidades com extraordinária satisfação.

Na noite de segunda-feira, a «Nova Philharmonica Vimaranesa» atravessou as ruas da cidade entoando vários hinos.

Numerosa multidão, acompanhando a mesma filarmónica, expandiu o seu entusiasmo erguendo clamorosos vivas.

Uns díscolos, (ha-os em todas as terras do País) metendo-se por entre a multidão, e julgando que transformariam aquela manifestação patriótica em uma manifestação política, soltaram vivas a Afonso Costa, à República Velha...

Foram obrigados a meter os pausinhos para dentro... por causa do intenso frio que fazia...

E não repitam a cena: olhem que a população vimaranense, fiquem-nos sabendo de uma vez para sempre, sendo ordeira como é, far-lhes-á pagar bem caro a repetição de tais formigadas... Tenham juízo... Senão...

Os estabelecimentos comerciais, a convite da Associação Comercial, encerraram as suas portas ao meio-dia de quarta-feira em sinal de regozijo por ter sido assinado o Armistício».

19 de Novembro de 1918 - nº 3278

«Cada hora que passa mais se revela, aos olhos dos bons Portugueses, como é urgente e absolutamente indispensável a formação de um GOVERNO NACIONAL.

Neste momento grave que decorre, a dois dias da Conferência da Paz. - É UM CRIME DE LESA PÁTRIA não empregarmos os nossos melhores esforços para conseguirmos que nas cadeiras da governação pública se sentem individualidades à altíssima da gravíssima hora que atravessamos.

Há cá dentro, no nosso desventurado País, problemas que urge resolver antes de nos apresentarmos à Conferência de Paz. O problema da ORDEM PÚBLICA, esse, é urgentíssimo resolvê-lo!

Ninguém ignora que a demagogia se mexe, que ela trabalha e conspira activissimamente. Nem nesta hora, - sem dúvida das mais graves que temos atravessado - ela depõe as armas no altar sagrado da Pátria!

Democráticos, Evolucionistas e Unionistas, servindo-se das classes operárias, pretendem lançar este pobre País numa guerra civil.

Os operários, não se recordando já da forma como a demagogia os tratou, correndo-os a tiro e enchendo os porões dos navios de guerra sempre que ao Poder se dirigiam para melhoria da sua situação, - deixam-se arrastar para o caminho de uma «greve geral» sem ao menos se lembrarem que ela representa, n' esta hora que passa, a guarda avançada d' um movimento demagógico que o Exército esmagará inexoravelmente.

Não! Portugal não poderá apresentar-se à Conferência de Paz SEM PRIMEIRAMENTE HAVER ASSEGURADO DEFINITIVAMENTE A ORDEM DENTRO DAS SUAS FRONTEIRAS.

Não devemos, não podemos ir para a Conferência da Paz sem primeiramente havermos reduzido à impotência aqueles criminosos e degenerados portugueses que procuram, à custa de rios de dinheiro, afogar e perder este pobre País em rios de sangue!

NÃO, NÃO E NÃO!

É necessário que quando Portugal fôr para a Conferência da Paz, tenham terminado, de vez, as quase diárias prevenções nos nossos quartéis e desaparecido, por completo, o receio de uma conflagração interna.

Exige-o o futuro da nossa Pátria! Exige-o a honra de todos nós!

É para o Exército – para o gloriosíssimo Exército Português que escreveu formosíssimas páginas de história, como Magul, como Chaimite, como Dembos, como Namarraes, como Marracuene -, que se voltam os olhares, as atenções e as súplicas dos que, - tendo nascido Portugueses, Portugueses querem morrer!

Viva o Exército! Viva Portugal!

Na hora presente,

Vai reunir-se a conferência da paz após a vitória das nações aliadas, entre as quais se encontra o nosso país cuja população suportou duríssimos sacrifícios durante a guerra e cujo exército de terra e mar combateu com heroísmo, dando extraordinárias provas da sua devoção e da sua lealdade, que mais dignas de consideração são ainda se atentarmos nas condições em que por vezes encontrou, mercê do abandono a que o votava o governo demagógico que era detentor do poder.

A hora é gravíssima! Na conferência de paz vão decidir-se questões de interesse vital para Portugal, problemas de extraordinária transcendência para a nossa nacionalidade, como seja a revisão do mapa d' África.

Lutamos, devemos valorizar o nosso esforço. Mas para que isso possa suceder preciso é que, a dentro de fronteiras, haja coesão e unidade, indispensável é que se acabem com perturbações, não por meio de transigências, nem à violência recorrendo, mas usando de uma plataforma que a todos sirva para manifestar a sua força, estando no poder um governo, cujos membros não pertençam a esta ou àquela facção, a este ou àquele partido, mas vivam em região superior àquela em que se desencadeiam as paixões políticas.

Não podemos perder tempo. Demais é o tempo perdido porque a verdade é que não estamos preparados para poder utilizar, em benefício do nosso país, diferentes factores que com a realização da paz se apresentarão.

Para alguns, já a ocasião se perdeu; para outros, ainda ela se apresenta. É mister não descurar o estudo das questões porque o tempo é agora circunstância primacial; é preciso agir sem delongas se queremos aproveitar as vantagens que a realização da paz pode trazer para o nosso tesouro.

Temos vivido sem orientação definida, não atacando nenhum dos problemas principais que ao País interessam. A questão financeira é grave: tem-se aumentado todos os impostos, sem pensar na forma como funcionam os mecanismos de que eles derivam e paralelamente todas as despesas, sem cuidar que a maior parte delas são improdutivas.

A questão económica é importante. Temos produtos cuja colocação se pode fazer mais largamente em bons mercados, abrindo-lhes também outros onde eles são desconhecidos.

Precisamente atentar em todas as questões que o momento obriga a resolver sob pena de, se adiarmos, de mês para mês, a sua resolução, não lucrarmos coisa alguma ou pelo menos não obtermos todas as vantagens que uma acção inteligente e feita no momento oportuno nos poderia proporcionar.

O momento é de uma extraordinária delicadeza, dada a situação do nosso País, perante as questões que vão agitar-se e debater-se.

À Conferência de Paz devemos ir como nação de que desapareceram possibilidades de revoltas armadas para a conquista do poder, devemos apresentar-nos unidos com o nosso problema político interno resolvido, sabendo o que desejamos sob o ponto de vista colonial, em que seremos apoiados pelas nações ao lado de cujos soldados os nossos batalharam, não podendo ser excedidos em brio nem em heroicidade.

Pode abrir-se uma nova era para este País tão duramente provado durante largos meses; mas é preciso que a política mesquinha e sectária seja relegada para ínfimo plano e se norteiem todos os que querem a felicidade da sua Pátria e a desejam ver engrandecida por uma política com elevação pondo de parte egoísmos de cuja ferocidade já suficientemente se tem podido ajuizar e habilidades de cujo emprego só tem promanado descréditos; não vendo apenas hipóteses pessoais, mas a nação acima de tudo.

Pense-se um pouco mais na Pátria e um pouco menos cada um em si».

António Telles (*D' O Liberal*)

23 de Novembro de 1918 - nº 3279

A Pátria, acima de tudo!

«Têm os Estados Unidos na Europa cerca de dois e meio milhões de homens. E já declararam não os retirar pondo-os à disposição dos Aliados para o restabelecimento da Ordem na Europa, seja onde for que ela seja alterada e tal concurso se torne necessário numa acção conjugada com a dos exércitos aliados.

As outras potências mostram-se igualmente empenhadas em que a Ordem Pública não seja alterada!

Isso nos mostra claramente que em Portugal, nunca, como agora, a Ordem deve ser perfeita, absoluta!

Não concordam com isso os «democráticos», os «Evolucionistas» e os «unionistas» que trazem o País em sobressalto e a todas as horas ameaçam com uma revolução.

Pois é urgente que uma tal situação acabe: não a toleram os sagrados interesses da Pátria nem a suportam as forças do Exército – aborrecidos e extenuados de tantas prevenções!

Aproxima-se a Conferência de Paz!

A hora não é para experiências, nem para politiquice baixa.

Estão em jogo os mais cuvos interesses da PÁTRIA. E a PÁTRIA, que é o berço querido aonde passamos, embalados, os primeiros dias da nossa existência – deve estar ACIMA DE TUDO!»

3 de Dezembro de 1918 - nº 3282

Pela Victoria! O «Te-Deum» na Igreja de S. Francisco reveste de extraordinária imponência

«Revestiu uma eloquentíssima afirmação de fé o soleníssimo «Te-Deum» realizado às 6 horas da tarde de domingo na Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco por iniciativa da digna Mesa daquela Venerável Ordem, a que presidiu o venerando Cónego Dr. Moreira Junior, em acção de graças pela assinatura do armistício e ainda em homenagem ao bravo Exército Português.

O templo achava-se vistosamente ornamentado graças ao fino gosto dos hábeis armadores Passos & Filhos. Muitas plantas, os altares cheios de luz e de variadas flores, ricas colchas de damasco e inúmeras bandeiras das nações aliadas, - davam um aspecto festivo àquele sumptuoso templo. O efeito que todo esse conjunto oferecia, admirável!

A assistência, numerosíssima. Dificilmente se entrava no vastíssimo templo – que raras vezes terá comportado tão numerosa e selecta assistência.

Os lugares reservados eram ocupados por Senhoras, Generais, pela oficialidade de infantaria 20, que compareceu na sua quase totalidade e ainda por vários outros oficiais do Exército; por magistrados, autoridades civis e militares, representantes da imprensa, representantes da Câmara Municipal, funcionários públicos, sargentos de infantaria 20, representantes de corporações civis e religiosas e ainda por pessoas de elevada posição social como médicos, advogados, professores, capitalistas, etc.

Eram cerca de 7 horas quando o Reverendo Gaspar Roriz, subindo ao púlpito deu começo à sua brilhante alocução de que nos é possível dar desenvolvido e exacto relato.

Disse em ardentes palavras do significado patriótico do acto que ia celebrar-se descrevendo os horrores da guerra e estigmatizando os causadores da mesma.

Referiu-se ao nosso glorioso passado apontando os factos mais notáveis da nossa formosíssima História Pátria. Fez referência aos sofrimentos desses longos quatro anos de guerra que passagem, às vidas que perdemos, aos sacrifícios que fizemos. Exultou os serviços dos beneméritos capelães militares, que voluntariamente se prestaram a confortar os nossos soldados nos campos de batalha e num admirável rasgo de oratória, engrandece os feitos de armas do nosso gloriosíssimo Exército. Tem fé no futuro de Portugal e aponta a religião como o único amparo redentor das almas, todas as indisciplinas e convulsões sociais.

O ver. Gaspar Roriz, que nos deu mais uma demonstração do seu talento e dos seus dotes de orador, terminou pedindo a todos que rezassem pelo eterno descanso dos que caíram no campo do dever e da honra e ainda pelo breve regresso das tropas portuguesas que ainda se encontram em terras de França e África.

Em seguida celebra-se o «Te-Deum» e canta-se o «Tantum Ergo». Por fim, o snr. Cónego DDr. Moreira Junior dá a Benção do Santíssimo.

- A orquestra, confiada à hábil regência do Reverendo Manuel Ferreira Ramos, agradeceu.

- As Associações Operárias e de Classe e a Juventude Católica de Guimarães estiveram presentes com os seus estandartes.

- Também se fizeram representar a Delegação Concelhia da Liga Nacional Monárquica e o Núcleo Regional de Guimarães das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Representava o «Comércio de Guimarães», o nosso Director».

25 de Fevereiro de 1919 - nº 3302

“O *Excelsior* publicou no dia 11 do corrente um quadro curioso, com as perdas em homens e toneladas sofridas pelas nações que entraram na última e tremenda guerra contra a Alemanha.

Nessa estatística figura o nosso país, atribuindo-lhe as seguintes perdas:

Entrada na guerra: fim de 1916.

Primeiro combate: batalha de d' Armentières, a 9 de Abril de 1918. O choque principal dos exercitos alemães foi sustentado pelas tropas portuguesas, que deixaram sobre os campos de batalha 2 mil mortos e nas mãos do inimigo 6 mil prisioneiros.

Total de perdas: 8 367 mortos e 27 256 feridos.

Tonelagem destruída pelos submarinos inimigos: 96 379 toneladas.

O território das possessões portuguesas em África (Angola e Moçambique) foi invadido pelas tropas alemãs que lhes causaram graves prejuízos. O inimigo bombardeou a costa portuguesa em Aveiro, Ponta Delgada e Funchal, capital da Madeira.

Finalmente, Portugal mobilizou 200 mil homens, dos quais 110 mil entraram em combate».

2 de Maio de 1919 - nº 3304

Regresso de soldados

«Tem regressado ultimamente grande número de soldados que em terras de França cumpriram o seu dever de militares e portugueses.

A Guimarães também tem chegado grande número de militares, pertencentes ao Regimento de Infantaria 20, sendo esperados em breves dias os restantes que ainda ali se encontram».

9 de Maio de 1919 - nº 3306

Portugal e os preliminares da paz

«Já foram entregues os preliminares da paz; lemo-los com sofreguidão pois queríamos saber com que eram pagos os sacrifícios feitos por Portugal na tremenda guerra que ceifou milhares de portugueses e nos deixou arruinados. Oh! Desilusão! Não nos toca nada!

O sr. dr. Afonso Costa, chefe da legação portuguesa ali, disse:

“Portugal encontra-se arruinado por causa da guerra. A dívida resultante das despesas feitas com a sua entrada na luta ascende a perto de 2:000 milhões.

Segundo os peritos financeiros, as perdas económicas da Nação por motivo da guerra sobem a 5.638.750: 000 francos, representando 47 o/o da fortuna pública.

É questão assaz melindrosa para que possa ser tratada em duas linhas. O nosso coração de portuguez e patriota sangra de dôr, e ainda espera que esta cruel noticia não tenha plena confirmação»...

18 de Julho de 1919 - nº 3324

«Solemnizando a paz»

«Tomou a Câmara Municipal a iniciativa de comemorar no dia 14 do corrente, entre nós a assinatura da paz. Logo ao romper da manhã, fizeram-se ouvir as bandas «Boa União» e «Nova Philarmónica Vimaranense».

De tarde, pelas 6 horas, organizou-se, no Proposto, um cortejo cívico, incorporando-se n' ele o comandante interino do regimento de infantaria 20, o sr. Tenente-Coronel Duarte Amaral, vários oficiais do exército, Câmara,

autoridades, representantes de diversos jornais, corporação dos Bombeiros Voluntários, colectividades com os seus estandartes, duas bandas de música, etc.

Também figurou no cortejo um carro alegórico.

O cortejo pôs-se depois em marcha a caminho do quartel de infantaria 20, onde o aguardava a banda regimental.

Na sala dos snrs. Oficiais, discursaram os snrs. Dr. Alfredo Fernandes, vice-Presidente da Câmara Municipal, e o tenente-coronel Duarte do Amaral.

Do quartel seguiu o cortejo para o teatro D. Afonso Henriques, realizando-se a anunciada sessão solene.

Presidiu o snr. General António Emílio de Quadros Flores, secretariado pelos snrs. Simão da Costa Guimarães e A. L. de Carvalho.

Discursaram, prestando homenagem às nações aliadas, os snrs. General Flores, Dr. Alfredo Dias Pinheiro, Dr. Alfredo Fernandes e A. L. de Carvalho, sendo, no final, muito ovacionados.

O cortejo debandou depois.

À noite, no Jardim Público, realizou-se um concerto pela banda regimental.

O recinto que ostentava uma iluminação passageira mas de excelente aspecto, esteve animadíssimo e concorrido como nos dias de maior movimento.

Durante o concerto musical queimou-se muito e variado fogo de artifício, bem bom por sinal».

*Jornalista e investigadora do Grupo de História das Populações/ CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»